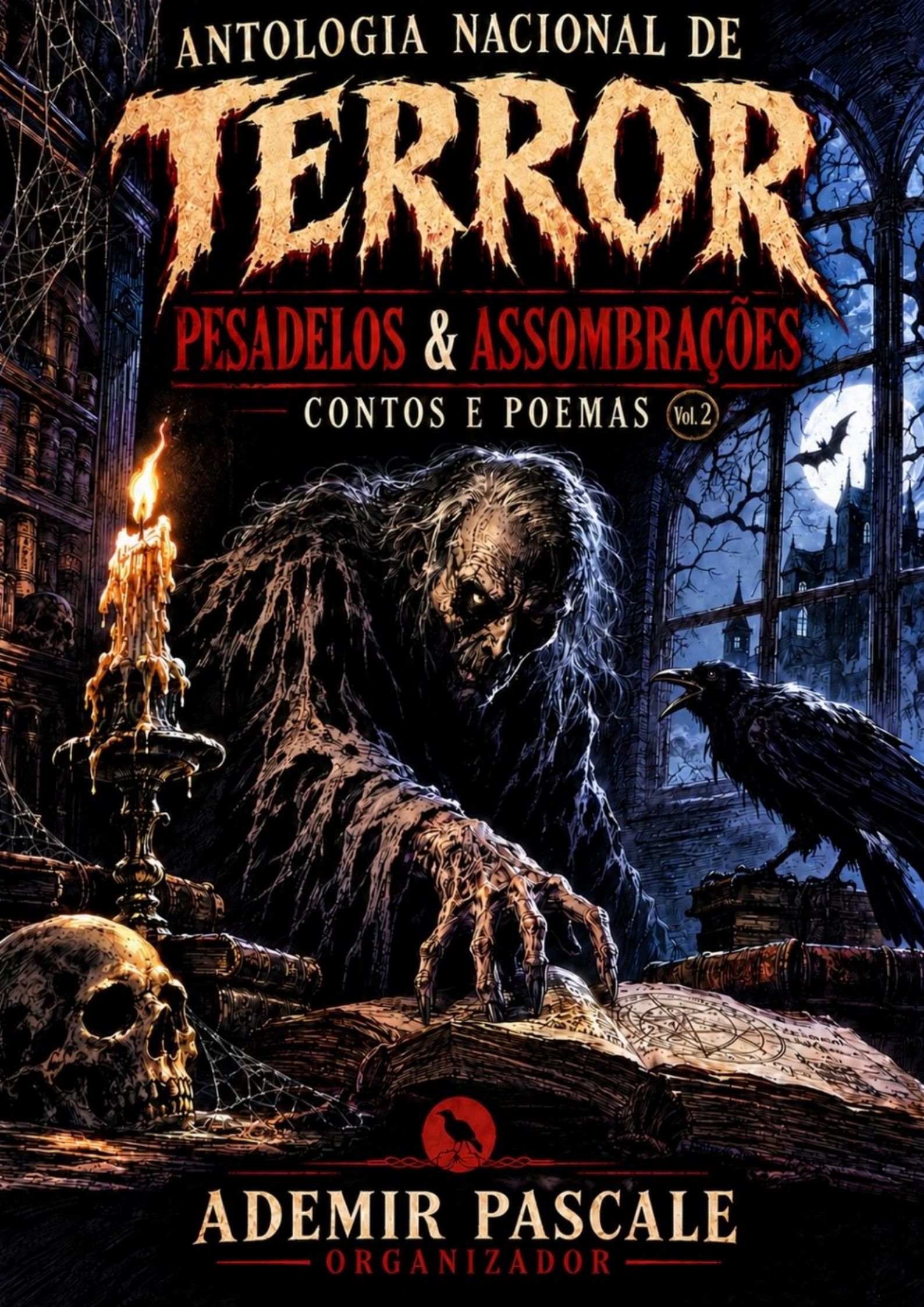
ANTOLOGIA NACIONAL DE

TERROR

PESADELOS & ASSOMBRAÇÕES

CONTOS E POEMAS Vol. 2



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-49435-6
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

TERROR
PESADELOS & ASSOMBRAÇÕES

SUMÁRIO

O MELHOR AMIGO 5
por ANTÔNIA DÁRIA MACHADO – A AÇOUGUEIRA

A FADA 10
por ANTÔNIA DÁRIA MACHADO – A AÇOUGUEIRA

MORTE EM MARTE 16
por CHRISTINE LUANE MEGA MIRANDA

CLAMOR DO ALÉM 18
por EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

RITUAL DE PASSAGEM 22
por J.A REIS DA SILVA

RUDIMENTOS DO TERROR EM VERSOS 26
por PIERRE SODRÉ MAGALHÃES

LIVRARIA À MEIA-NOITE 28
por LULU JACOBUS

ECO DOS ESQUECIDOS 31
por MARILU F QUEIROZ

DIAS DE ESCURIDÃO 34
por MARLLISSON ANDRADE

A LENDA DOS ANZÓIS CEGOS 37
por R.BOTTER

O SEGREDO DA NOITE SOBRE A ALVORADA 41
por ROBERTO SCHIMA

OS MORADORES DO CORREDOR 49
por S.L. SALES

PESADELO BANAL OU SIMBÓLICO? 53
por SELLMA LUANNY

SEMANAS DE DESCASO 55
por SELLMA LUANNY

CONVOCADA AO OLHO DA VINGANÇA 57
por THIAGO GADELHA

NA COMPANHIA DE MARGOT 61
por VAGNER TADEU FIRMINO

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO 66

ANTOLOGIA NACIONAL DE

TERROR

PESADELOS & ASSOMBRAÇÕES

CONTOS E POEMAS Vol. 2



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

APRESENTAMOS

O MELHOR AMIGO

POR ANTÔNIA DÁRIA MACHADO A AÇOUGUEIRA

Nascida em 1999 na capital do Rio de Janeiro e crescida na Região dos Lagos, a Açougueira só escreve dois tipos de textos: curtos contos que teimam em sair pelas frestas de sua mente ou verborragias enormes de 150 capítulos. Sempre na corda bamba entre o terror e a comédia, às vezes tende para um, ora para outro. Participa de antologias esporadicamente e é autora da Trilogia Berserk (ainda sendo publicada).



Eles riram e a empurraram no chão, fazendo-a cair numa poça de lama.

— Deixa ela aí! Vamos ver filme lá em casa, meu pai comprou uma nova fita cassete.

Os outros meninos bradaram em concordância e se afastaram da menina que continuou no chão.

Se fosse um dia normal, a menina não teria ligado, mas naquele dia específico ela estava muito chateada, triste, pois hoje não teria ninguém para recebê-la em casa.

Ela se levantou e tentou tirar o excesso de lama do uniforme da escola. A mãe ralharia com ela, dava trabalho lavar o uniforme e a mãe não tinha tempo já que cozinhava no bar todos os dias junto do pai da menina. Se sentiu ainda mais triste.

Nesse dia ela optou por ir pelo caminho mais longo, queria adiar a chegada em casa o quanto pudesse.

Tudo era... ruim.

A escola era ruim, as outras crianças riam dela.

A casa era ruim, tudo era novo e estranho.

O trabalho dos pais era ruim, trabalhavam o tempo todo para servir pessoas que não respeitavam eles.

Aquele país era ruim, não se encaixava, queria os antigos amigos, os antigos costumes... mas não falaria nada, os pais ficariam chateados.

Quando deu por si já estava escurecendo. Iria voltar para casa, mas onde estava? Nunca tinha ido àquela parte do bairro.

Olhou para um lado, olhou para o outro, não reconhecia nada.

Agachou e pôs-se a chorar. Aquele era o pior dia da sua vida.

— Ei, menina, por que está chorando? — uma voz falou.

A menina levantou a cabeça, mas não viu ninguém.

— Aqui, menina. Venha cá. — a voz chamou.

Ela seguiu a voz e se deparou com um bueiro no meio fio. A menina achou que estava ouvindo coisas, que estava com um parafuso solto, até um dedo sair do bueiro. Um dedo verde, que a chamou.

A menina se agachou para ver quem era a pessoa dentro do bueiro. Na mesma hora uma baforada de fumaça roxa foi expelida no rosto da menina. A criança tossiu e abanou o rosto para espantar o cheiro forte. Ela abriu os olhos e viu a estranha criatura que habitava aquele banheiro. Era uma mulher muito bonita. Que tinha os “*olhos puxados*”

que nem ela. Mas ao mesmo tempo que a menina notou a semelhança ela notou as diferenças. A mulher tinha a pele verde-musgo, um cachimbo artesanal repousava de lado em sua boca e expelia uma fumaça que mudava de cor, passando do roxo ao vermelho e depois azul. As mãos da mulher tinham calos aparentes e as unhas negras eram longas e sujas de algo vermelho. Os dentes aparentes eram pontudos e afiados como os de um bicho, os olhos eram escarlates, os cabelos selvagens que estavam grudados no rosto molhado tinham uma cor indistinguível.

A menina não sabia dizer se a mulher estava nua ou não, visto que a água que corria dentro do bueiro alcançava até os seios da mulher.

— Por que está chorando, menina?

A menina piscou, saindo da hipnose que era a beleza daquela estranha mulher verde. A criança fungou.

— Meu melhor amigo morreu ontem. — ela disse.

— Oh. — a moça se compadeceu. — Que pena. Eu também já tive melhores amigos. Eles sempre vão embora rápido demais.

A criança concordou com a cabeça.

— Você gostaria de ter seu melhor amigo de volta? — a mulher do bueiro perguntou.

A menina fez que sim com a cabeça, tímida pela beleza da moça. A mulher se debruçou no bueiro, chegando bem perto do rosto da menina.

— Qual era o nome dele? — a mulher perguntou.

— Hippo. — a menina respondeu.

Um trovão corta o ar, anunciando uma tempestade, estava escuro.

— É melhor ir para casa, é por ali. — a mulher apontou para uma rua atrás da menina.

A criança sorri, agradece e corre para casa.

A mulher continua dentro do bueiro refletindo.

“Nah, não faz mal.” — a mulher pensa.

Afinal, seus amigos nunca voltariam, mas o da menina poderia voltar. A mulher suspira e estala os dedos, uma faísca estala seguida de pequena fumaça rosa e a mulher mergulha na correnteza que já se formava por dentre os bueiros da cidade. O cachimbo continuou a brilhar debaixo d’água.

Já em casa, e depois da tempestade passar, a menina olhava da janela o quintal ensopado. Prestando atenção em um ponto específico onde a terra estava remexida e sem grama.

A mãe apareceu na porta, ralhou algo na língua nativa. A menina então apaga a luz do pequeno quarto e se encolhe dentro das cobertas.

Na rua, os três meninos que a jogaram no chão voltaram. Era normal eles atazanarem a vida dos moradores daquele bairro. Carregavam dentro de uma sacola frutas e ovos, prontos para serem jogados em janelas e portas alheias.

Algo, no quintal da casa da menina, se remexe. No lugar mais ensopado, onde a terra estava remexida e sem grama. A terra se mexe e farfalha. Algo embaixo da terra grunhe. Ele cheira. Cheira fruta podre e ovo estragado, sente o cheiro dos três meninos maus, o cheiro que fazia a menina ficar triste.

Algo rasga embaixo da terra. Se expande e contrai, mais relaxado. Primeiro sai a cabeça, ainda envolto em um lençol sujo de terra. Se rasteja para fora da cova, seus membros ainda não respondiam direito, estavam todos quebrados, as entranhas se arrastavam no chão caindo para fora da barriga rasgada com marcas de pneu, mas ele não parava, não iria parar. Iria protegê-la.

Quanto mais andava mais forte ficava, menos doía, mais a vitalidade voltava. O cheiro ficou mais forte. Ele trotou para a frente da casa e avistou com os olhos cheios de sangue coagulado os três meninos. Os garotos não o viram, mas ele os via bem.

Os garotos riram ao jogar uma tangerina podre na porta de uma das casas. Ele latiu. Os meninos se viraram.

A coisa envolta no lençol avançou e os meninos correram desesperados e gritando socorro, mas ninguém daquele bairro sairia para ajudá-los. A coisa mordeu a canela de um deles, fazendo-o cair e gritar. A coisa puxa a perna do menino e os meninos puxam o braço do outro lado, o cabo de guerra acaba quando o jeans do menino rasga e os três se põem a correr novamente. A coisa bufa e trota de volta para casa.

A cada passo as feridas ficavam mais secas até fecharem como se nunca estivessem ali. Os ossos quebrados estavam como novos e a barriga aberta estava curada e acompanhava a respiração da criatura.

Chegou em casa e procurou seu lugar de dormir, logo abaixo da janela da menina onde uma almofadinha carinhosamente costurava ficava à sua espera. Ele se sacudiu, derrubando o lençol cheio de terra e logo após se aninhando na almofada. O cão abanou o rabo, feliz por estar de volta, em sua coleira lia-se: *Hippo*.

Deitou-se, ansioso pelo amanhã.

Amanhã tudo estaria bem. Ela iria lhe dar bom-dia e um pedaço do seu pão com manteiga e ele, como um bom garoto, iria acompanhá-la até a escola, voltaria para casa e a esperaria chegar para enchê-la de beijos e carinho, como sempre faziam. Afinal, eram melhores amigos.

APRESENTAMOS

A FADA

POR ANTÔNIA DÁRIA MACHADO
A AÇOUGUEIRA

Nascida em 1999 na capital do Rio de Janeiro e crescida na Região dos Lagos, a Açougueira só escreve dois tipos de textos: curtos contos que teimam em sair pelas frestas de sua mente ou verborragias enormes de 150 capítulos. Sempre na corda bamba entre o terror e a comédia, às vezes tende para um, ora para outro. Participa de antologias esporadicamente e é autora da Trilogia Berserk (ainda sendo publicada).



Começou num dia como qualquer outro, quando notou que — subitamente — conseguia aprontar suas *peripécias* com um certo conforto de tempo, algo que quase nunca acontecia.

Essa era sempre a regra estipulada em casa: a menina não poderia estar presente. Regra essa estipulada pela própria mãe da menina. O homem preferia chamá-la assim. *A mãe da menina*. Afinal, não a considerava mais sua esposa. Considerava a mulher um traste útil, algo como uma camisa que de tanto uso passou a ser trapo de limpeza. E ele julgava que os céus concordavam com ele, afinal, depois que deu à luz a menina, o ventre da mulher tinha virado um cemitério e sua aparência agora o lembrava a de um cão de rua leproso.

Não obstante a isso, vivia. E como vivia.

Sempre obedecendo à regra, é claro. *A menina não pode estar presente.*

Ele se julgava um homem muito íntegro e altivo apenas pelo fato de obedecer a essa regra, lógico que ignorando o fato de que num único dia que ousou enfrentar essa regra, a mãe da menina o atacou tão ferozmente que o deixou de cama por dias e com cicatrizes que perduravam até hoje. Como um cão com o rabo entre as pernas e que subitamente se dava conta de que não sabia colocar comida no próprio prato, criou para si mesmo uma versão em que ficava naquela situação por *caridade* e *dever matrimonial absoluto*, enquanto rezava todas as noites para que a mulher parasse logo de respirar e pudesse se casar com outra. E quantas outras estavam disponíveis. Sentia até raiva de si próprio por ter se casado com aquele traste em vez das tantas outras beldades viçosas da vila. Às vezes, passava o dia inteiro apenas observando as moças. Os cabelos escorridos, as ancas chegando ao ponto mais desejado e o viço da juventude estalando no corar de seus rostos.

Ele já até tinha batido na porta de algumas casas para falar com os pais de algumas futuras pretendentes, mas todos lhe batiam a porta na cara quando falava suas intenções. Aparentemente, os pais o achavam sempre muito velho para suas filhas moças — algo de que ele discordava veementemente!

“Deixe estar, terei minha cabrita moça de um jeito ou de outro. Enquanto isso, só tenho que tolerar até essa cabra velha morrer.”

Mas, voltando ao princípio, uma bela tarde, notou que conseguiu aprontar suas peripécias com uma folga a mais de tempo. Mandou as prostitutas embora com uma

moeda na mão de cada uma e, ao notar que já era quase crepúsculo, perguntou à esposa onde estava a menina.

— Ainda não voltou. — ela disse simplesmente enquanto continuava a agitar o saco de manteiga.

Naquele dia, o homem não pensou muito no fato. Nem na semana seguinte.

Aquele fato só começou de fato a chamar sua atenção quando viu um prato com frutas e raízes na cozinha.

— Quem trouxe? — perguntou ele.

— A menina. — a esposa responde.

O homem franze a testa. Aquilo não lhe parecia muito coerente, principalmente no inverno, quando vegetais eram tão difíceis de se achar.

Naquela noite, quando a menina chegou, perguntou.

— Menina, onde achou isso? Quem te deu?

— A fada me mostrou onde encontrar. — disse ela, despejando sua cesta cheia de tomates na mesa.

O homem crispa os lábios, mas deixa a menina ir se deitar em paz.

Fadas não existiam. Qualquer um que sequer mencionasse coisas assim levava bronca do padre.

Logo pensou na hipótese de levar a menina ao padre para fazê-la confessar quem havia lhe dado tais gracejos, mas outros fatores passaram por sua cabeça geralmente povoada apenas por pensamentos libidinosos.

Primeiro que se a menina insistisse na história, o padre poderia insistir num exorcismo, e isso nunca acabava bem. Duas meninas da vila já haviam morrido nas sessões de exorcismo do padre. Tudo bem que as almas delas estavam salvas, mas ainda assim não era um destino desejável. Afinal, a menina mesmo sendo um gasto agora era uma provisão para o futuro. Enquanto não se casasse, trabalharia na casa e ganharia um dote quando fosse lhe entregar a mão. E, em segunda perspectiva, enquanto a menina continuasse trazendo tais presentes, era mais fartura para a família.

Chegou à conclusão de que, quem quer que fosse o patrício que mimava sua filha, poderia continuar por enquanto.

E assim se passaram dias. Semanas. Meses.

A menina foi crescendo.

Quando a menina completou oito invernos, a esposa finalmente faleceu. Febre do inverno.

O homem já esperava ter várias cabritinhas fazendo fila para si a esse momento, mas não foi o que aconteceu. Pelo contrário, pais e mães pareciam mais vigilantes de suas filhas do que nunca.

"Deixe estar, deixe estar." — pensou ele de maneira ainda mais ranzinza após uma semana do falecimento da esposa.

A menina deixava a comida na mesa antes de sair e só voltava na penumbra escura.

Talvez suas expectativas frustradas ou o ócio de não ter ninguém para infernizar começaram a tolher a mente do homem.

Começou a notar coisas que antes não notava.

Sempre tinha comida em casa, mas nunca dava dinheiro para a menina. Ela sempre estava de roupas e de bom tamanho, mas nem mesmo se lembrava da última vez que foi comprar roupas para ela. Não a via reclamar nem pedir, apenas vivia a vida um dia de cada vez, sem nem mesmo se abalar pelos lamentos de seu *pobre pai*. Ah! Como seu pai sofria sem uma esposa, e sua filha nem mesmo lhe dirigia um olhar de piedade!

Até que num dia, após uma prostituta o rejeitar, pois ele, sabidamente pela vila, não tinha nem um tostão furado no bolso, voltou possesso de raiva para casa.

As prostitutas o rejeitavam. Seus porcos não engordavam. Sua plantação não crescia. Nenhuma das famílias queria lhe dar a mão das filhas.

Sua mente embriagada já passou a arquitetar planos para *deflorar* uma das moças que tanto queria para, assim então, a forçar a se casar com ele pela ordem da moral e da igreja. Afinal, uma moça deflorada era imprestável para casar. Se não queriam por bem, seria por mal então.

Sentou-se na escada de casa e esperou. A noite chegou preta como piche.

A menina entra em casa com sua cesta cheia, como sempre. Ela se espanta ao ver o pai com o cinto na mão.

— Onde estava?

— Na floresta.

— Com quem?

— Com a fada.

O homem range os dentes, desce as escadas e toma a cesta da mão da menina, despejando tudo em cima da mesa. Pedaços de carne e queijo. Frutas, legumes. Uma muda de roupa embrulhada novinha e do tamanho certo para a menina.

O pai esbofeteia a menina que cai no chão assustada.

— Sempre trazendo luxos! — Ele bate com a cinta na perna da menina. — Nunca pensou em seu pai! Nunca trouxe uma meia para mim! Uma garrafa de cerveja! Sempre luxos e presentes para si!

Bateu. Bateu. Bateu. Bateu até a mão ficar vermelha, ardida e dolorida.

Puxou-a pelo capuz e a forçou a ficar em pé. Babando de raiva, catou o lampião e a empurrou para fora de casa.

— Você vai me levar agora até o imundo que vive de enchendo de presentes. Vamos! Marche! Agora!

Ele a empurra e a garota cai na neve. Com esforço e levando pontapés, se levanta e obedece ao ordenado.

Caminham por quase uma hora e o homem começa a se arrepender de não ter trazido um facão. A luz do lampião ia ficando cada vez mais tímida em meio ao frio, mas a menina não parava de andar. O lampião já não iluminava um palmo à frente de si, mas a menina nem mesmo hesitava. Um pé na frente do outro. O caminho tão familiar que poderia fazer de olhos fechados.

Até que, em um momento, o lampião se apaga.

O homem fica parado, estatelado em meio ao apagão de seus sentidos. Ele entra em pânico quando escuta que os passos da menina não pararam e continuavam a andar.

— Menina! — ele grita.

Ela não responde.

— Menina!

Sem resposta.

— Raquel!

Um galho se quebra.

Tudo parece subitamente muito — *muito* — silencioso.

O homem agita o lampião, torce a chave e cata os últimos fósforos do bolso. O primeiro falha. O segundo também. O terceiro — o último — finalmente acende e o lampião ilumina a noite de novo.

Ele se vira para ver onde está a menina.

Um par de olhos o encara.

Olhos enormes.

Uma a uma, as escamas da criatura se iluminam com fogo, esquentando a noite e iluminando todo o recinto. Ele não grita, pois gritar parece um tanto fútil em frente àquilo

cuja cabeça se erguia até a altura das árvores. O par de asas nas laterais da cabeça da criatura batem suavemente enquanto ela tenta entender quem era ele.

Para a surpresa do homem, Raquel aparece do lado da criatura que se abaixa para ficar com a cabeça com chifres na mesma altura que a menina. Ela sussurra algo breve no ouvido entre escamas. A criatura se vira novamente para o homem, dessa vez com ares de quem estava revendo algo muito familiar.

A serpente abre lentamente a boca, exibindo suas presas que reluziam à luz da lua. Algo brilhava dentro daquela imensa goela.

O lampião cai no chão.

Não havia mais homem, nem menina, nem fada, mas só um dos três seria digerido naquela noite.

APRESENTAMOS

MORTE EM MARTE

POR CHRISTINE LUANE MEGA MIRANDA

Experiência EUA em escrita criativa. Estudante de Letras.



O móvel estava parado. O trânsito estava congestionado. Falaram sobre o Tony, como um ser extremamente bom, comentaram sobre a palavra libertadora que estava pregando a porta da sepultura com uma foto dos tempos de outrora. Mais alguns comentários, quando nos sentamos, perguntamos sobre sentar ou ficar parados em pé. Quando o pastor desfechou, sentei-me, embaixo do logo de Deus. Meu rosto caiu porque todos queriam vir e nos abraçar. Depois fomos embora, e fechado a gaveta chorei, e foi lá que colocando nossas lágrimas no chão, a limusine parou sob um tapete de flores perto da esquina. O morto encontrou seu último destino, entre as coníferas enfileiradas, ele, o pastor, carregando as escrituras em suas mãos, andou pregando assim: Repousa no infinito, os desencarnados. Se tudo que há de bom na vida era quando a vida depois da morte, finalmente em Marte o sol se punha todos os dias, a dança na forma de gestos dos seres sobrenaturais, tornavam a estrela da noite tão misteriosa quanto descobrir uma maneira de olhar para ela. Estes dois grandes sóis foram formados juntos pela grande estrela da galáxia, estrela, que deseja amparar a noite dos desígnios do amanhã. Há quem possa dizer que o conceito para ouvir o segredo do sol para as árvores seja diferente. Não havia um segredo do despertar, já que sabiam que o dia viria clamar por um destaque da sua entorpecente rotina, os raios do sol. Mas as pessoas não podem afirmar com certeza, para um amigo secreto, a consciência dos outros bairros da cidade. Todos os dias era um esforço tenaz para colocar toda aquela glicose para dentro e então alguém saía desperdiçando sua energia. O cemitério Santo Antônio era capaz de se livrar de qualquer desejo pelas árvores plantadas lá. Existe uma celebração oferecendo a minimização de cicatrizes. Com esta coleção de túmulos, uma certa dignidade, como presente que vem com mofo, a herança da vida eterna. Esta crença era partida de vários túmulos, com muitas portas difíceis de limpar.

Feliz de viver em uma delas, acompanhando as flores perto das pedras. Gostaria de saber o que viver nesta parte do cemitério guardava a paz do cheiro de mato queimado, e transferia por dentro da terra o odor de animais. Aqui, como um gato que sensitivamente sabia dos caminhos destas avenidas, os números certos para a casa que está perto do chão se tornavam sombras no céu claro. Com muitas amizades de gerações presentes, e passadas, se entende a prece depressa, Maria, que torna uma flor em um coração.

APRESENTAMOS

CLAMOR DO ALÉM

POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

Nascido em Niterói (RJ), vive em Porto Alegre (RS). Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual. Teve trabalhos selecionados em publicações da Revista Conexão Literatura, em seu próprio nome ou sob os pseudônimos Franco Calvero e Carlos Romero, bem como na antologia “Sarau Brasil 2026”, da Vivara Editora Nacional. Busca na escrita a essência de sua alma, o autoconhecimento e lidar com suas inquietações.



Fabiano e Rita estavam casados há 10 anos, tinham um filho de sete anos chamado Júlio e um cão de estimação, da raça Pastor-belga, de cor preta, o qual atendia pelo nome de Bidu. Trabalharam com muito afinco, juntaram capital e obtiveram financiamento em uma instituição bancária, conquistando o sonho de adquirirem uma casa própria. Compraram um sobrado de dois andares, feito de tijolo à vista, situado na localidade denominada “Sétimo Céu”, contígua ao Bairro Tristeza, na Zona Sul de Porto Alegre. O casal desejava uma vida tranquila, principalmente no que dizia respeito ao desenvolvimento de seu herdeiro, concebido com muito amor.

Próximo à nova residência da família, existe um cemitério, popularmente conhecido como “Cemitério da Tristeza”, administrado pela Prefeitura Municipal, desde meados do século passado, porém ativo desde 1898, servindo para local de sepultamento para muitos dos habitantes do então “Arrabalde da Tristeza”, sendo que parte desses moradores eram imigrantes oriundos da Alemanha e da Itália. O nome “Tristeza” adveio do nome de um pioneiro habitante da região, José da Silva Guimarães, apelidado de “Juca Tristeza”, que em nada se assemelha ao que se transformou o local: o cerne econômico, social e de serviços na região sul da capital gaúcha; a vida por ali é pujante.

Fabiano e Rita estavam muito felizes com a qualidade de vida na nova morada, Júlio estudava em uma escola particular da região, até Bidu estava satisfeito com os passeios, sobretudo aos parques. No entanto, em uma noite, a vida repleta de alegrias da entidade familiar sofreria uma reviravolta.

Na noite do início do evento transformador, enquanto todos repousavam, ouviu-se uma voz lamuriosa e soturna, proferindo as seguintes palavras:

JUSTIÇAAAAAA! FAÇA-SE JUSTIÇAAAAA!

Rita e Fabiano levantaram-se rapidamente assustados, Júlio começou a chorar, Bidu a latir alto. Fabiano saiu em revista por toda a casa, nada encontrando, ao passo que Rita foi acalmar seu filho. Nenhum vestígio de presença humana foi detectado, não houve entendimento de necessidade de chamarem a polícia, a vizinhança era bastante silenciosa. Após todos se acalmarem, novamente todos foram dormir, Júlio foi para a cama de seus pais.

Passada uma semana do fato anômalo, durante o horário de jantar da família, a luz da sala se apagou de repente, objetos começaram a cair da estante, sob os olhares aterrorizados de todos. Surge um vulto, tratava-se de uma mulher jovem, de vestido branco

e com sangue espalhado, de pele alva, cabelos escuros e olhos azuis. Um atônito Fabiano levanta-se e parte em direção à imagem projetada, indagando:

— O que tu queres?

O vulto respondeu:

— Justiça.

O espectro desapareceu, sem que fossem fornecidas mais respostas.

Atormentados com a situação, especialmente com os abalos causados ao pequeno Júlio, que começara a frequentar psicólogo desde a primeira aparição fantasmagórica, Rita disse que traria uma amiga médium para a próxima noite, no que foi consentido por Fabiano.

Chegada a noite seguinte, após jantarem, reuniram-se todos à mesa, à exceção de Júlio, que foi para seu quarto. A médium, de nome Valéria, pediu que houvesse manifestação de espíritos presentes ao local, caso desejassem falar. Subitamente, Valéria foi apossada pelo espírito que estava no recinto. Não tardou muito para que este começasse a se expressar:

— Estou presa a este mundo. Me chamo Josephina. Morei nessa localidade, quando ainda chamavam de “arrabalde”, aqui onde é a casa de vocês, ficava a chácara do meu marido Wolfgang Schultz, um imigrante alemão muito próspero. Eu não amava ele, fui obrigada a casar com ele por ordem de meu pai, Silvério, que tinha uma dívida com meu esposo.

— Por que clamas por justiça? — respondeu Fabiano, o qual era advogado.

— Fui assassinada por meu marido, há exatos cem anos. Tinha um amante, ele se chamava Vespasiano, era filho de imigrantes italianos, o conhecia antes do casamento, era meu namorado, secretamente, meu pai não aprovava a relação, porque Vespasiano era pobre, operário e militante anarquista.

— O que aconteceu exatamente no dia da tua morte? — indagou Rita.

— Naquele dia, fui encontrar Vespasiano, o aguardava no ponto em que desciam os passageiros do trem que saía do centro da cidade. Wolfgang estava na sua loja no centro, deveria chegar no final do dia. Entretanto, enquanto me despedia de Vespasiano, Wolfgang surgiu furioso e partiu para cima de Vespasiano, entraram em luta corporal, Wolfgang foi vencedor na contenda e Vespasiano desmaiou. Entrei em desespero, meu marido, tomado pela cólera, empunhou uma adaga em minha direção e desferiu inúmeros golpes em mim, causando a minha morte. Fui enterrada no cemitério aqui perto, sem pompa e sem lápide. Desde aquela época, fico vagando sem paz.

— O crime foi visto por mais alguém? — perguntou Fabiano.

— Sim, por inúmeras pessoas, porém ninguém interveio. Era costumeiro o entendimento de que o marido traído poderia “sujar as mãos de sangue” em nome de sua honra e reputação.

— A tal “legítima defesa da honra”, hoje em dia não se aceita mais isto, ao menos na esfera judicial — disse Fabiano.

— Sei que a vida de Wolfgang seguiu normalmente; casou novamente.

— Sinto muito pelo que te aconteceu, Josephina, infelizmente não podemos fazer nada, a não ser orar por ti e pedir para que encontres paz e ingresses no plano espiritual, para enfim descansares — replicou Rita.

— Orem por mim, preciso encontrar alívio e sair da prisão deste mundo. Há cem anos, tento contar o que me fizeram. Se não foi feita justiça na vida terrena, que ao menos encontre paz em outro plano.

Após dizer estas derradeiras palavras, o espírito de Josephina saiu do corpo de Valéria. Uma hora depois, depois da médium se recuperar e Fabiano e Rita saírem do estado de choque, todos fizeram um círculo de orações em prol da alma de Josephina, a imagem desta desapareceu e ascendeu aos céus, deixando um rastro de brilho entre as estrelas.

Depois da cena, Valéria despediu-se do casal; Fabiano e Rita iriam se recolher, pois teriam muito sobre o que conversar, inclusive decidiriam se continuariam morando ali.

APRESENTAMOS

RITUAL DE PASSAGEM

POR J.A REIS DA SILVA

Escritor amador e leitor nada dedicado, nascido e criado no povoado Santa Teresa, zona rural de Lago da Pedra, interior do Maranhão.



Ana Clara é uma jovem de 16 anos, moradora de um pequeno povoado no interior do Maranhão — um povoado que parece ter sido esquecido pelo tempo.

Ali, os homens trabalham na juquira, e as mulheres trabalham em casa e, ao mesmo tempo, aproveitam o tempo livre para quebrar coco babaçu e completar a renda. As estradas do povoado são de barro vermelho batido, e os postes de luz são improvisados de forma nada profissional.

O povoado é cercado por roças de subsistência e florestas de cocais.

Ana Clara, como sempre, seguia pela trilha em meio à vegetação até um cajueiro que ficava próximo dali.

— Mocinha, poderia me ajudar?

Ana Clara seguiu a voz e viu uma senhora idosa, coberta por um manto negro, se aproximando. Ana Clara nunca havia visto aquela mulher no povoado, mas, como sempre, oferecia-se para ajudar alguém que ela achasse precisar de ajuda.

— A senhora precisa de ajuda com o quê?

— Ah, mocinha, eu preciso pegar algo que enterrei há alguns anos. Agora estou mais fraca e tenho dificuldade em cavar. Poderia me ajudar? Não é muito fundo, e você pode cavar com as mãos.

— Claro. Mostre-me o caminho. Eu ajudo a senhora, se não for muito longe.

— Não, não é. Ali, debaixo do cajueiro. Vamos lá.

Ana Clara seguiu a mulher de perto, observando como a idosa caminhava quase tão rápido quanto ela.

— Mocinha, o que você acha de fumo?

— Eu? Eu não fumo. Nunca entendi por que algumas pessoas fumam. A senhora fuma?

— Não. Eu gosto de observar entregar fumo, mas já estou velha demais para isso.

Ana Clara notou a forma estranha como ela falou, mas ficou em silêncio, apenas seguindo a idosa com cautela. Ao chegar ao cajueiro, a senhora apontou para um lugar abaixo da árvore. O cheiro travoso do cajueiro, que Ana Clara conhecia bem, tomou conta do lugar.

— Ali, mocinha. Cave ali, é bem raso...

— Tudo bem...

Ana Clara se ajoelhou no chão, cavando com as mãos na terra vermelha. A terra se acumulava em suas mãos e unhas enquanto ela chegava até o fundo. Lá estava uma folha

de cajueiro seca, um pacote de fumo Pantanal desgastado, uma pena de rasga-mortalha e também um bico.

— Obrigada, mocinha.

Ana Clara ouviu a senhora agradecendo e se virou para olhar para a idosa. Não havia mais nada lá, além do cheiro inconfundível de pena molhada. Ana Clara tocou a pena que havia pegado do buraco por um tempo e sentiu uma vontade de abrir o pacote de fumo. Ela se virou e saiu dali sem nem mesmo olhar para os cajus que viera buscar.

Ao chegar em sua casa, um casebre de taipa, ela entrou diretamente para o quarto e se jogou na rede, olhando para o teto. O cheiro de pena molhada ainda estava em sua mente, juntamente com a sensação da pena de rasga-mortalha.

— Você está bem, Ana?

— Estou sim, mainha.

— Bom, vou fazer o jantar.

Ana Clara ficou observando a mãe antes de perguntar.

— Mãe, a vó... ela mora aqui perto?

— Não, ela mora um pouco longe. Seu pai nunca falou exatamente onde, mas ele disse que ela tinha uma casa no meio da roça e que era bem estranha, sempre usando um manto escuro.

— Assim...

— Por que a pergunta?

— Por nada. Só curiosidade.

Naquela noite, entre a meia-noite e a madrugada, enquanto tentava dormir sem sucesso, Ana Clara começou a assoviar baixinho enquanto saía da rede, quase em transe. Passou pela cama dos pais e saiu na noite, em direção à mesma trilha que levava ao cajueiro, assoviando cada vez mais alto. Caminhava sem rumo. Começou a sentir uma vontade imensa de voar e um desejo profundo por fumo.

Naquela mesma noite, ouviu-se um canto agouroso e estridente de uma rasga-mortalha sobre o telhado do senhor Chico, um dos idosos mais velhos do povoado. Ana Clara acordou ouvindo a mãe comentar com o pai sobre a morte do senhor Chico.

— Do que ele morreu?

Ana Clara perguntou, saindo da rede ainda sonolenta.

— Ninguém sabe. Parece que foi infarto. Ele já era bem velho.

Ana Clara passou o dia inteiro no meio da roça, em busca do pacote de fumo que havia desenterrado. Ao encontrá-lo, começou a mascar o fumo, quase comendo de uma

vez. À noite, voltou para casa, não pediu para jantar e foi direto para o quarto. Saiu de casa à meia-noite em direção à roça, sua forma jovem assumindo uma aparência mais idosa.

À frente dela, estava a mesma idosa que pedira para desenterrar aqueles objetos.

— Minha neta, agora você é uma verdadeira matinta...

— Sim, vó.

Ela respondeu antes de pensar.

— Seu pai te tirou de mim. Mas eu prometi a ele que um dia iria te buscar. Seu destino é o mesmo que o meu... somos uma só.

Ana Clara não precisou ouvir mais nada. Começou a se transformar ali mesmo. O som de ossos quebrando, vértebra por vértebra, encheu a noite. Os olhos ficando negros, a boca se tornando um bico enquanto os dentes humanos caíam no chão, sujos de sangue e saliva. Ela gritava de dor aguda e, mesmo assim, não parava de assoviar. Os braços se tornando asas, os dedos garras. O cheiro de pena molhada era um assombro no ar, embaraçando os sentidos.

Em minutos, estava voando no céu escuro enquanto uma chuva forte começava, o cheiro de terra molhada subindo no ar. Enquanto pousava sobre um casebre de taipa, deu dois gritos altos e estridentes antes de sair voando.

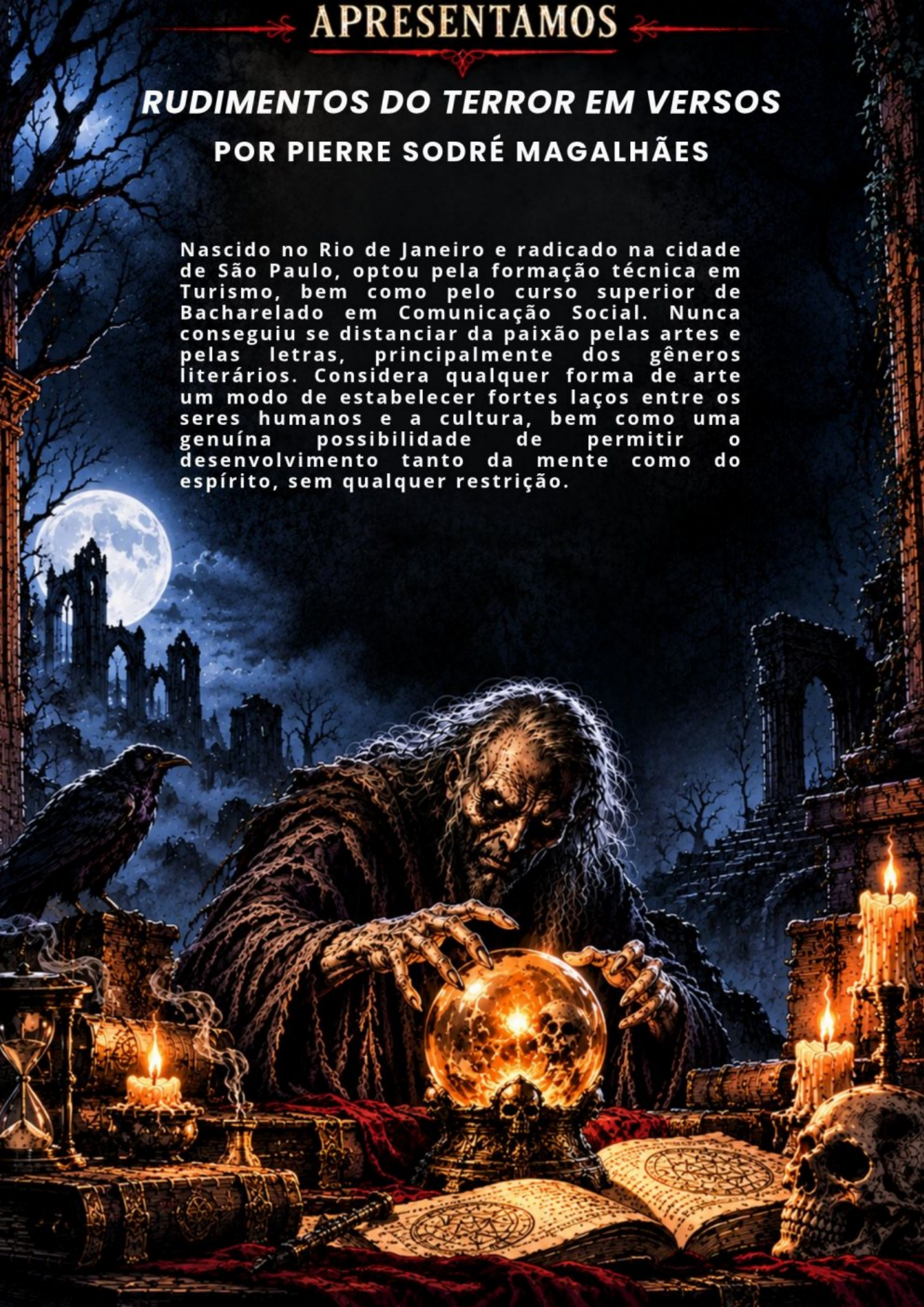
No dia seguinte, o povoado estava movimentado: os pais de Ana Clara mortos, sem nenhum motivo evidente, e Ana Clara desaparecida. Edilson, um homem idoso, ia para a juquira, acompanhado de sua esposa e sua filha, Ana Clara.

APRESENTAMOS

RUDIMENTOS DO TERROR EM VERSOS

POR PIERRE SODRÉ MAGALHÃES

Nascido no Rio de Janeiro e radicado na cidade de São Paulo, optou pela formação técnica em Turismo, bem como pelo curso superior de Bacharelado em Comunicação Social. Nunca conseguiu se distanciar da paixão pelas artes e pelas letras, principalmente dos gêneros literários. Considera qualquer forma de arte um modo de estabelecer fortes laços entre os seres humanos e a cultura, bem como uma genuína possibilidade de permitir o desenvolvimento tanto da mente como do espírito, sem qualquer restrição.



Sinta as unhas dos ratos na tua pele
enquanto o caldeirão ainda ferve
junto aos agudos pios do corvo
entre piolhos e cheiros de mofo.

Tudo mais que por aqui desperta
vai muito além dos limites da cela
o que se resume na fedentina do esgoto
que sufoca qualquer ser humano.

E lá no teto da clausura escura
aranhas, tal como negras viúvas
competem com os guinchos agudos dos morcegos
que estalam asas em rasantes chilreios.

Assim é esse cenário
princípio do terror tão farto
em que até o punhal tem vida,
mas que não pretende te deixar viva.

Não adianta aqui gritar
pois chamas é que irão te sentenciar
sofras, pois o deleite da morte lenta
enquanto serpentes e baratas a ti têm como colheita.

APRESENTAMOS

LIVRARIA À MEIA-NOITE

POR LULU JACOBUS

Teve seu primeiro conto publicado na Revista Brasa e colabora frequentemente com plataformas como Recanto das Letras e Museu da Pessoa / Museo de la Persona. Além disso, é coautora de algumas Antologías e da Coletânea Brasiliê – 2.ª edição (lançada na Bienal de São Paulo em 2026) e de coletânea formato e-book.



A exemplo da Noite no Museu, em que acontecem exposições noturnas e festas com pista de dança, Edith preparou a Livraria para um evento noturno. A Livraria fica na Ilha Fiscal.

Convites aos borbotões foram distribuídos entre pessoas físicas, grupos privados e públicos. Seria o primeiro evento a agitar a cidade e despertar-lhe curiosidade e frisson, dado o passado da Ilha.

O inusitado acontecimento deverá estar bem concorrido. O espaço é muito antigo e imenso, além da belíssima fachada que encanta a todos que a veem. O evento conta com bar, pois ele já existe no pátio externo da livraria, e terá também uma peça teatral, que será escolhida. Haverá ainda contação de histórias sobre o lugar.

Os convidados deverão vestir-se com figurinos do século XIX.

A Ilha Fiscal situa-se na Baía de Guanabara e destaca-se no horizonte do Rio de Janeiro. É como se a construção saísse diretamente de um conto de fadas, com sua arquitetura enigmática.

Esse lugar mantém segredos que ecoaram por anos e continuam a ecoar, com valsas e risadas ouvidas nos salões vazios e luzes que se acendem quando ninguém está lá. No dia 09 de novembro de 1889, ocorreu o lendário e último baile do Império, poucos dias antes de a Monarquia ruir no Brasil.

O vulto avistado contemplando o oceano, sobre o qual existem inúmeros relatos, unido à valsa escutada nos salões vazios, transformou a Ilha Fiscal em um lugar singular e de interesse.

Edith e os demais organizadores decidiram que a contação de histórias seria feita de forma leve e serviria para retomar a memória do passado esquecido. A peça teatral teria a mesma função, mas, além da história, traria também o lado sobrenatural da Ilha Fiscal.

Enfim, chegou o momento de os portões se abrirem novamente para recepcionar, após um século e algumas décadas fechados. Os convites foram concorridos, mas os escolhidos foram poucos perante o número de interessados.

Todos foram recepcionados e acomodados. Alguns dirigiram-se à peça teatral, outros à contação de histórias, alguns escolheram ficar no coquetel finger food e ainda havia os que escolheram passear pelo complexo.

Alguns que passeavam pelo complexo estavam à procura do vulto avistado da embarcação que os levara. Pensaram que fizesse parte do show.

Conforme as horas foram passando, casais jovens procuraram um lugar reservado para ficarem. Alguns sentiram a mudança brusca de temperatura; outros ouviram correntes e passos pesados na escada.

Durante a peça teatral, a figura de uma mulher vestida de branco chamou a atenção por sua expressão melancólica e extremamente triste; ao lado aparecia a imagem do Orelha, o cão torturado e empalado da Praia Brava. Ela estava como figura de fundo, secundária, junto a ele.

Após o término da peça, os envolvidos na produção receberam os cumprimentos e ouviram elogios sobre essa mulher junto ao cão Orelha. As pessoas trataram como holograma. Os organizadores entreolharam-se sem entender nada e apenas agradeceram.

Quando se viram sozinhos, comentaram sobre essa mulher e a imagem do Cão Orelha da Praia Brava-SC, que jamais existiram na peça, mas recordaram-se das histórias sobrenaturais da Ilha Fiscal.

APRESENTAMOS

ECO DOS ESQUECIDOS

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, escritora e aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie (SP). Associada da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da ACIMA – Associazione Culturale Internazionale Mandala (Itália). Tem livro de contos, livro didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas no Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



Era fim de tarde, outono e o sol se despedia do céu, deixando no horizonte um último brilho alaranjado. No parque do bairro, as árvores majestosas sempre haviam oferecido abrigo e tranquilidade. De dia, seus troncos formavam um portal acolhedor para trilhas sinuosas, cercadas por folhas vivas e pelo murmúrio distante da cidade.

Mas, quando a noite caía, ah... Aquele mesmo portal parecia fechar-se sobre o mundo. A escuridão não apenas escondia o parque: ocupava cada espaço, apertando o ar e sufocando os sons. As sombras se esticavam entre os troncos como braços pacientes esperando a sua presa, e o silêncio se tornava tão profundo que qualquer ruído — um galho quebrando, folhas arrastadas sem vento, um estalo no mato — fazia o coração disparar. Por isso, os moradores evitavam passar ali depois do anoitecer e contavam histórias tenebrosas, de presenças inexplicáveis.

Certa noite, Vitor, curioso e apaixonado por aventuras, decidiu atravessar o parque sob o manto da escuridão. Levava apenas uma lanterna cujo feixe fraco mal alcançava o caminho. A luz desaparecia entre as copas fechadas, deixando atrás dele um corredor negro e ameaçador. A cada passo, Vitor sentia que algo caminhava junto, escondido além do alcance da luz.

Um galho se partiu atrás dele. Vitor se virou. Nada. Continuou andando e ouvindo passos que surgiam sempre que ele parava. Às vezes leves, às vezes arrastados. Então alguém respirou junto ao seu ouvido.

“Vitor... Viiiitor... Vitoooooor”

O sussurro veio da mata. A lanterna revelou uma forma alta demais para ser humana, entre os troncos. Quando piscou, ela havia sumido. Nem os insetos faziam barulho. Nem o vento tocava as folhas.

tentou voltar, mas o caminho parecia diferente. As árvores se inclinavam sobre a trilha, como se quisessem fechá-la. A luz vacilou e revelou pegadas recentes na lama: começavam onde ele estava e seguiam na direção oposta, como se alguma coisa o acompanhasse.

Então ouviu um sussurro chamando seu nome. Vitor parou. O silêncio voltou, pesado, quase vivo. Iluminou as árvores, uma por uma, mas encontrou apenas sombras comprimidas. Quando tornou a andar, ouviu passos atrás de si — lentos, arrastados, sempre à mesma distância. Ao se virar, não havia ninguém. Só a escuridão, observando.

Decidido a descobrir a origem do chamado, Vitor seguiu o som. O sussurro ficou mais nítido até que ele alcançou uma clareira banhada por uma lua pálida. No centro, onde

a luz parecia não tocar o chão, uma figura encapuzada o aguardava. Seu manto era tão escuro que se confundia com a noite e o rosto permanecia oculto, como se a própria sombra o tivesse engolido.

O sussurro chamou seu nome outra vez, bem à frente. Ele avançou até uma clareira pálida. No centro, a figura encapuzada permanecia imóvel. Sob o capuz não havia rosto, apenas uma profundidade onde a luz da lanterna não conseguia entrar.

“Quem é você?” perguntou Vitor, tentando esconder o tremor na voz.

“Sou apenas o guardião deste lugar”, respondeu a figura, com uma voz baixa, rouca e hipnótica. “O parque guarda segredos que poucos conhecem. Aqueles que entram na escuridão devem aceitar que nem sempre sairão sendo os mesmos... Se conseguirem sair...” Vitor sentiu um arrepio. “Que tipo de segredos?”

“O parque não guarda segredos”, sussurrou. “Ele guarda pessoas.”

A figura inclinou a cabeça. Sob o capuz, alguma coisa pareceu sorrir. “Segredos de tempos passados e de mundos além deste. As árvores são portais. Mas há caminhos que se abrem apenas para quem já foi percebido pelo outro lado.”

Um ruído profundo vibrou entre as árvores. Vitor olhou para trás: o caminho por onde viera havia desaparecido, restavam somente os galhos insinuando formas lentas e tortuosas. O que sobrou foi apenas uma parede de escuridão, sem trilha, sem vento, sem saída. Ele compreendeu que o parque não estava vazio; apenas esperava em silêncio. Ainda assim, declarou: “Estou pronto.”

A figura assentiu. Com um gesto, abriu entre as árvores uma passagem estreita, onde uma luz pálida tremia como se respirasse. Vitor deu o primeiro passo. Atrás dele, o silêncio se rompeu com dezenas de sussurros chamando seu nome. “Vitor... Viiiitor... Vitooooooor”

A lanterna se apagou! Na escuridão total, dezenas de vozes repetiram o seu nome. Uma respiração fria tocou sua nuca. Mãos invisíveis fecharam-se em torno dos seus braços. Ele tentou gritar, mas nenhum som saiu. A última coisa que viu foi o capuz se inclinando, como se a noite tivesse encontrado o rosto que procurava.

Foi então que ele desapareceu na noite. O parque voltou a ficar imóvel, mas continuou guardando seus portais e segredos, à espera de outros corajosos — ou imprudentes — que ousassem atravessar a escuridão.

Na manhã seguinte, encontraram a lanterna no início da trilha. Ela ainda estava acesa. De Vitor, restaram apenas pegadas na lama, desaparecendo uma após outra dentro da escuridão.

APRESENTAMOS

DIAS DE ESCURIDÃO

POR MARLLISSON ANDRADE

Marllisson Andrade é natural de Lagarto (SE) e mora em Alagoas, onde atua como Promotor de Justiça. Na escrita, transforma cenas, sentimentos e inquietações do cotidiano em microcontos, contos e poemas. É criador da página @1dizer, no Instagram.



Não se sabe se
é dia ou noite

As sombras
confundem a mente
e a escuridão
é companhia

Invasiva
Perturbadora
Inquietante

Ocupa toda a casa
convida
quem não precisa
e corrói,
ainda mais,

aquela vida

Assustada
Perdida
Refém
do medo

vive de pesadelos

Sufoca a mente
que sente em silêncio
o barulho
que confunde
e sugere

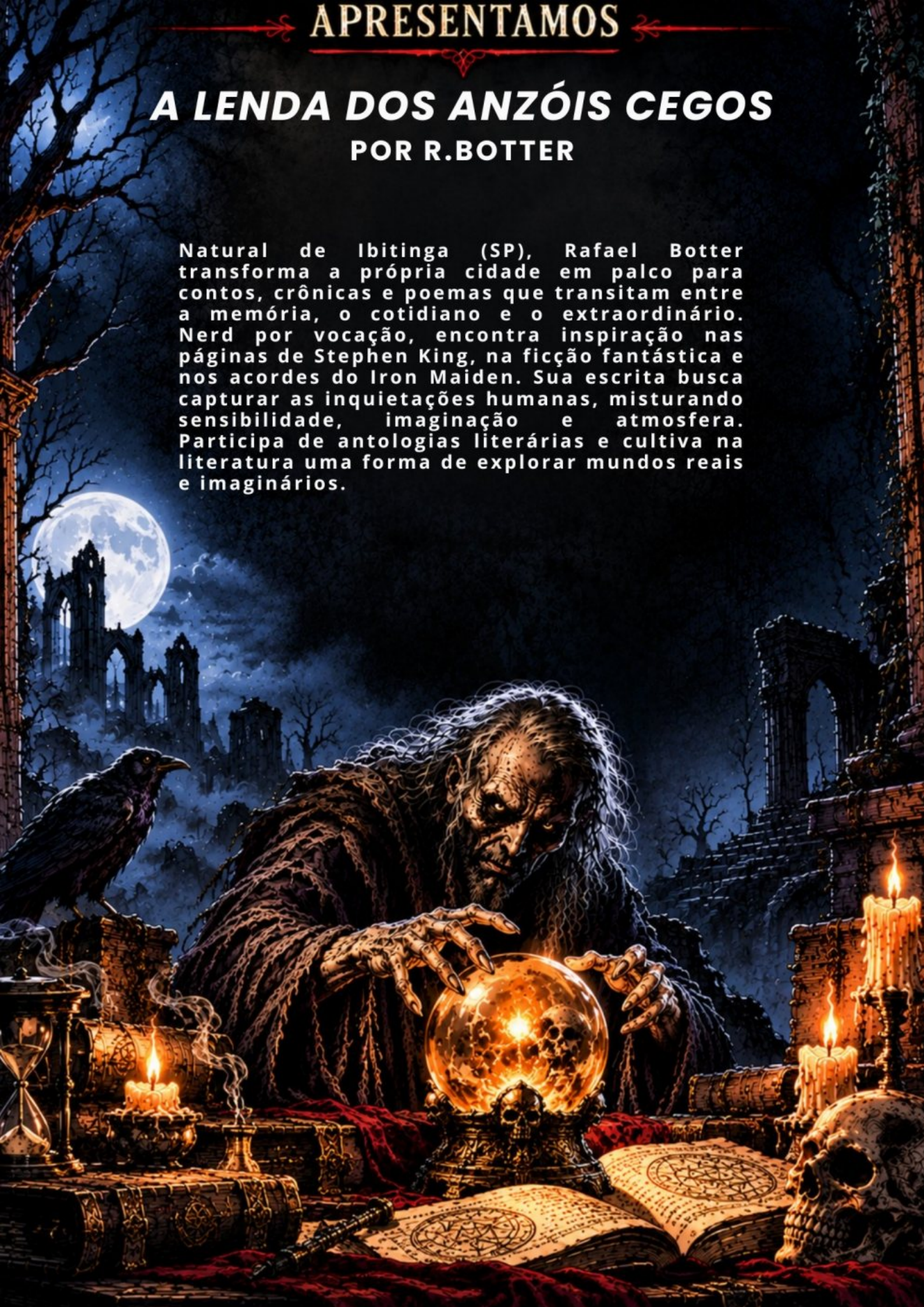
Quer
que para aquela
vida
o dia permaneça
noite

APRESENTAMOS

A LENDA DOS ANZÓIS CEGOS

POR R.BOTTER

Natural de Ibitinga (SP), Rafael Botter transforma a própria cidade em palco para contos, crônicas e poemas que transitam entre a memória, o cotidiano e o extraordinário. Nerd por vocação, encontra inspiração nas páginas de Stephen King, na ficção fantástica e nos acordes do Iron Maiden. Sua escrita busca capturar as inquietações humanas, misturando sensibilidade, imaginação e atmosfera. Participa de antologias literárias e cultiva na literatura uma forma de explorar mundos reais e imaginários.



O Rio Jacaré-Guaçu não perdoa quem insiste em pescar depois que o sol se esconde atrás dos canaviais de Ibitinga.

Seu Benedito cansou de avisar no balcão de fórmica do bar da vila: depois das dez da noite, o rio muda de dono. A água fica escura como óleo queimado, o ar ganha um mofo pesado que impregna no fundo da garganta e os peixes somem. É quando as profundezas começam a chamar.

Nelsinho nunca deu ouvidos a causo de velho. Criado no asfalto e recém-chegado para tentar a sorte na terra que fora do seu tio, achava que aquilo era conversa para afastar pescador de fora. Naquela noite sufocante de outubro, em que o calor parecia cozinhar os insetos no ar, ele desceu a barranca de terra vermelha até a margem, perto dos pilares podres da antiga ponte de madeira.

O silêncio era doentio. Nem os sapos cantavam. O único som era o da vegetação úmida estalando e o estômago de Nelsinho se contorcendo em agonia, sem motivo aparente.

Ele ajeitou o balde de plástico, fisgou uma minhoca gorda no anzol — sentindo o verme se contorcer e expelir um caldo espesso nos seus dedos — e arremessou a linha. O chumbo caiu na água com um som abafado, cavado, como se tivesse afundado em carne podre em vez de rio.

Passaram-se vinte minutos. O silêncio esticou-se até parecer uma corda prestes a arrebentar.

De repente, a boia de cortiça não apenas afundou: foi arrancada para baixo com violência brutal. A vara de bambu envergou até estalar as fibras, quase deslocando os ombros de Nelsinho.

— Mas que diabo... — ele praguejou, travando os calcanhares na lama escorregadia.

A força do outro lado não brigava como um peixe. Não havia solavancos. Era um puxão pesado, constante e cego, como se guinchasse um cadáver do fundo do poço. A linha de náilon esticada emitia um chiado fino, parecido com o grito distante de uma criança.

Nelsinho deu dois passos para trás, puxando com o peso do próprio corpo. Sua boca secou até a gengiva.

Quando a ponta da linha finalmente emergiu sob o facho amarelado da lanterna, não havia peixe. Preso ao anzol pelo aro de metal, vinha um par de óculos de grau antigo,

com as lentes de vidro grosso cobertas por uma nata de limo e fios de cabelo humano emaranhados nas hastes.

Um arrepio doloroso desceu pela espinha de Nelsinho. Lembrou-se da história que ouvira no posto de gasolina sobre o antigo delegado de Ibitinga, desaparecido naquele mesmo trecho em 1982, de quem só encontraram o barco virado e marcas de dedos ensanguentados no cascalho.

Antes que conseguisse soltar a vara, um estalo seco ecoou da mata na outra margem.

Nelsinho virou o facho de luz. O raio cortou a escuridão e bateu na raiz exposta de uma ingazeira. Pendurado ali, balançando sem vento algum, estava um anzol industrial de espinhel, grande como uma mão aberta.

Cravado no gancho pela mandíbula inferior, balançava um torso humano em decomposição, vestindo farrapos de uma camisa xadrez. A boca daquela coisa estava escancarada em um urro mudo e, dos buracos vazios dos olhos, saíam longos fios de linha de pesca trançada.

O estômago de Nelsinho virou do avesso. O cheiro veio em seguida — não de peixe, mas de esgoto antigo, carne azeda e água estagnada.

A margem aos seus pés começou a ferver. A água escura subia em borbulhas espessas que estouravam liberando um gás quente e nauseante.

Da névoa que subia do rio, uma figura emergiu devagar.

Não tinha rosto. A cabeça era uma massa disforme de lama cinzenta, escamas podres e dezenas de anzóis enferrujados cravados na pele mole, exibindo pedaços de carne humana como iscas em uma vitrine macabra. Nas mãos deformadas por membranas, a coisa segurava um galho grosso de mulateiro. A linha que saía da ponta daquele bastão não entrava na água: entrava direto na escuridão sob os pés de Nelsinho.

Ele tentou correr, mas suas pernas não responderam. O pavor congelara seus músculos. Sentiu uma pressão insuportável no peito, como se um gancho invisível estivesse preso atrás do seu osso esterno, puxando seus pulmões para fora.

A coisa deu um passo lento na sua direção. O som que saía de onde deveria ser sua boca era o borbulhar de alguém se afogando em sangue e lama.

E então veio o puxão.

Nelsinho não gritou porque o gancho no seu peito fisgou para cima, rasgando o ar de seus pulmões. Ele foi arrancado do chão e arrastado de costas pela lama vermelha, os dedos unhando desesperadamente a terra, cravando as unhas até a carne viva.

Viu a lanterna ficar para trás, iluminando o balde tombado. Viu a figura sem rosto erguer o galho de madeira para dar o golpe final e recolher a linha.

A água gelada do Jacaré-Guaçu entrou pela sua boca em um gole ganancioso. O rio cobriu seus olhos, a escuridão apagou as estrelas e o silêncio do fundo finalmente se fechou sobre ele.

Na manhã seguinte, quando os pescadores acharam o local, a lanterna ainda estava acesa, com a bateria fraca emitindo um facho alaranjado e moribundo.

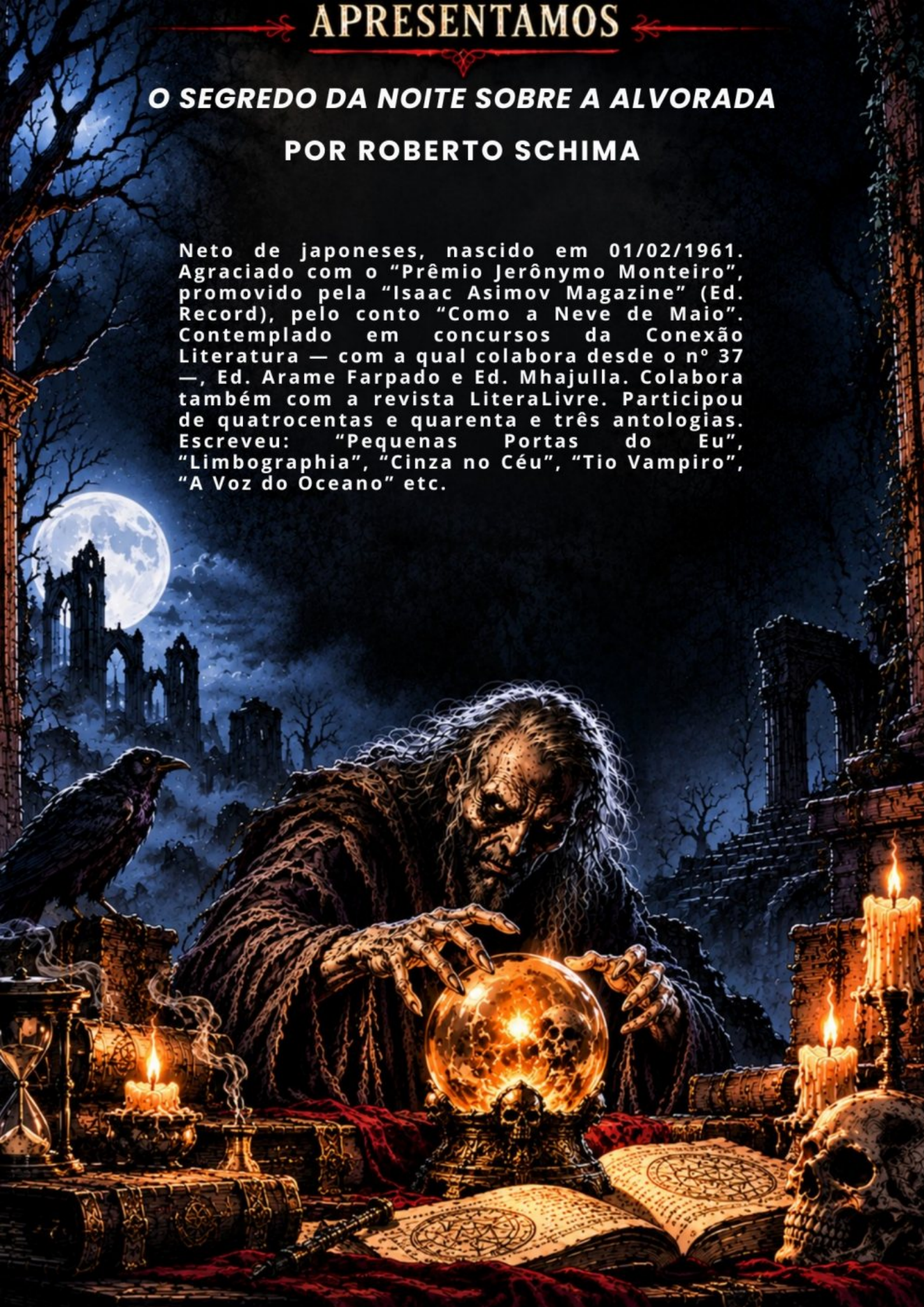
Cravado no tronco da árvore mais próxima, havia apenas um anzol de aço banhado em sangue fresco, segurando um pedaço de orelha humana.

APRESENTAMOS

O SEGREDO DA NOITE SOBRE A ALVORADA

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido em 01/02/1961. Agraciado com o “Prêmio Jerônymo Monteiro”, promovido pela “Isaac Asimov Magazine” (Ed. Record), pelo conto “Como a Neve de Maio”. Contemplado em concursos da Conexão Literatura — com a qual colabora desde o nº 37 —, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e quarenta e três antologias. Escreveu: “Pequenas Portas do Eu”, “Limbographia”, “Cinza no Céu”, “Tio Vampiro”, “A Voz do Oceano” etc.



É no silêncio da noite que as palavras não ditas soam mais altas.

Era um misto de mercearia, bar e bordel à beira da rodovia. Ficava em um prédio descuidado de madeira e alvenaria de dois andares. Sua construção iniciara-se fazia quase um século e era considerado um dos mais antigos da região, perdendo somente para a igreja na praça da matriz. Chamava-se Bagulho's Bar e, creio, nunca um nome fora escolhido tão apropriadamente para um estabelecimento. Fedia a suor, aguardente, tabaco, mofo, madeira velha e coisas que eu achava melhor não especular.

Naquele fim de mundo quente e poeirento no interior de Mato Grosso do Sul, não havia muitas opções de lazer — aliás, não havia nenhuma —, então, a gentalha que vivia pelos arredores aglomerava-se por lá durante a noite para ter no que gastar seus míseros trocados. E quando eu digo gentalha é porque era gentalha mesmo, afinal, eu fazia parte dela.

Uma névoa permeava a atmosfera, vinda de dezenas de cigarros, charutos, cachimbos até. O local reunia os mais miseráveis da cidade: vagabundos, beberrões, briguentos, punguistas, gente sem eira nem beira e algum biscateiro eventual. Por mais miserável que fosse, de algum canto o fulano arranjava uma grana para torrar no álcool e nos cigarros. Ah, sim, e também nas mulheres. Pois essa era a finalidade delas lá no Bagulho. Algumas de olhar faceiro e carnes à mostra estimulavam os fregueses a gastarem o que tinham e o que não tinham no bar. Outras partiam para as vias de fato, prostitutas que alugavam seus corpos por uma hora de sexo. Mas, uma minoria ia até lá para ver se conseguia alguém, de preferência um caminhoneiro que pudesse levá-la para longe daquele mundo ignorado por Deus.

Eu gostava de ouvir as conversas fiadas, os balbucios incoerentes dos embriagados; e observar o movimento, as pessoas, a troca de olhares, os flertes grosseiros, as mãos bobas nas nádegas generosas. Normalmente, ficava por lá duas ou três horas e, depois, seguia meu caminho.

— Boa noite, Zé — cumprimentei o dono. Precisei falar alto por causa da balbúrdia.

O homem de meia-idade, braço coberto de tatuagens e olhar cansado, limitou-se a acenar.

Fui para o meu canto de estimação. Normalmente, eu ficava num dos ângulos do bar sob a penumbra e o oceano de fumaça, onde as paredes estavam enfeitadas de propagandas de bebidas e cartazes de filmes obscenos. Pedi a minha cerveja e uma

porção de fritas à garçonete de decote generoso e umbigo à mostra. Ela anotou o pedido e debruçou-se mais do que o necessário ao sussurrar:

— Mais alguma coisa?

Seus peitos, bem próximos do meu rosto, quase pularam para fora e indaguei-me se, em vez de sua oferta, ela ficaria magoada se eu pedisse também um pouco de calabresa.

— Por enquanto não — respondi diplomaticamente.

Ela deu de ombros e afastou-se, rebolando ao ritmo do som breganejo que vinha da *jukebox*.

Algum tempo depois, enquanto eu metia uma batata frita na boca, uma prostituta sentou-se ao meu lado sem pedir licença, cheia de liberdades e sensualidade tabelada. Também apanhou uma batata e colocou-a lentamente no beicinho formado pelos lábios carnudos. Não comeu de imediato. Enfiou e tirou a batatinha repetidas vezes num gesto lento. Então, mordeu, exibindo seus dentes.

— Oi, Charles — cumprimentou.

— Olá, Stephanie.

Naturalmente, não era o seu nome verdadeiro, mas quem se importava?

— Suponho que não vai querer nada além dos petiscos de sempre...

— Por enquanto não — tornei a falar, sentindo o roçar de sua perna na minha.

— Por enquanto sim — disse ela, colocando a mão esquerda sobre a minha coxa. — Fiz uma aposta com as meninas: hoje vou levá-lo para a cama.

Ela voltou-se para o balcão do bar onde três outras prostitutas cochichavam. Uma delas apontou para nós, respondendo ao olhar de Stephanie.

— Vai fundo, Steph! — gritou.

Outra fez sua língua agitar-se feito uma serpente.

A terceira moveu o punho num vaivém mais do que explícito.

— Está vendo? — falou Stephanie. — Não posso deixá-lo escapar. A minha reputação está em jogo!

E riu feito uma bacante embriagada. Seus seios pularam, realçando os mamilos enrijecidos sob o tecido. Senti sua mão subir alguns centímetros sob a mesa em direção à minha virilha.

Ela costumava usar palavras assim: reputação, honra, virtude e dignidade. Era como se fizesse pilhéria de si própria. Eu conhecia Stephanie fazia dois anos, desde que começara a frequentar o Bagulho. Ela já trabalhava no local havia tempos. Atualmente,

devia ter seus trinta e seis ou trinta e sete anos e, apesar da vida que levava, suas noitadas regadas a bebidas, sexo e drogas, ainda conservava uma boa aparência, sem necessidade de toda aquela maquiagem. Era uma bela mulher entre muitas que, ainda moça, tivera ilusões sobre uma vida melhor, mas desviara-se pelo caminho através de um atalho que, na realidade, não conduzira a parte alguma.

Costumávamos jogar conversa fora. Eu pagava-lhe uns *drinks* e alguma coisa por fora. Ela fazia suas propostas indecorosas ou contava piadas sujas. Depois de uns goles a mais, descortinava-se o véu, o nevoeiro evanescia e ela começava a falar de si, para além de seu pseudônimo, do batom berrante, do perfume vulgar e das roupas curtas e justas, máscara caída. Era mais ou menos como aquele milionário do filme *Luzes da Cidade* de Chaplin: tornava-se mais humana sob efeito do álcool. Eu punha-me a ouvi-la e Stephanie, no fundo, parecia gostar disso, de apenas contar sobre si, seus sonhos, suas desilusões e, às vezes, a vergonha, a angústia e a depressão que a atormentavam. Eram momentos efêmeros, livres de disfarces, sem se sentir usada para isso. Foi assim que passei da tolerância, do misto de desejo e repulsa a, de fato, apreciar sua companhia. Nunca fizéramos um programa. E ela nunca me contara o seu nome real, nem de porre.

— E você, Charles — perguntou-me, olhar vidrado. — Qual a sua história?

— Já falei sobre mim.

— Sim... O garotinho desencantado da cidade grande que veio para o interior à procura de paz. Eu sei. Mas quem te desencantou?

— Quem te disse que foi alguém?

Ela tomou um gole de sua caipirinha. Sorriu.

— Ora, Charles, está falando com uma *expert* em desilusão. Conte-me! Prometo esquecer assim que ficar sóbria.

Provavelmente, era verdade. Falei-lhe, então, sobre a filha de um patrão que eu tivera, enquanto trabalhava num armarinho, nossos encontros às escondidas, como eu planejava ter meu próprio negócio e economizar o suficiente para nos casar. Só que, um belo dia — tinha sido belo, de fato —, ele nos apanhara em flagrante entre as estantes de estoque de miudezas. Despedira-me no ato. E eu nunca mais tornaria a ver a mocinha.

Stephanie encostou sua cabeça em meu ombro.

— Oh, pobrezinho! Charles, hoje você *precisa* ficar comigo. Vou dar-lhe colo e fazer muito cafuné...

Achei desnecessário dizer que, em vez de dar-me literalmente um pé no traseiro, o pai da garota acertara nela um fortíssimo bofetão. Tão forte que ela derrubara a estante

mais próxima e esta, por sua vez, fizera tombar a estante seguinte e assim por diante, como peças de um dominó. Os estrondos fizeram tremer o chão. Eu teria aguentado o pontapé na bunda. Contudo, não suportara vê-la caída, desacordada e o sangue a escorrer da boca. Enlouquecido de raiva, apanhara uma tesoura no chão e perfurara o bastardo seguidas vezes até meu braço doer.

E lá estava eu no Bagulho vários anos depois. Conforme mencionara, eu fazia parte da gentalha.

Mal percebi quando a mão de Stephanie alcançou meu pênis sob a calça. Ela fez um muxoxo:

— Ei! Eu devia ficar muito ofendida. Jura que tem alguma coisa aí no meio das pernas?

Foi minha vez de apalpar-lhe a coxa à mostra, mais como um agrado e menos por desejo.

Subitamente, ouvimos um burburinho geral e viramo-nos ao mesmo tempo em direção à entrada do bar. Em seguida, caiu o silêncio, o que atraiu ainda mais a atenção de todos, pois, naquela espelunca, sempre havia uma eterna cacofonia reverberando entre copos, garrafas e mesas de bilhar. Até a *jukebox* parou de tocar. A música era de uma dessas duplas sertanejas obscuras de nomes para lá de ridículos. Isso sim foi um alívio.

Então, eu a vi.

Meu queixo caiu como caído estavam os queixos daqueles vagabundos, beberrões, briguentos, punguistas e biscateiros.

Ela aproximou-se vagarosamente da entrada do bar até o balcão. Quase flutuava.

As pessoas afastavam um passo de seu caminho, evitando tocá-la como se temessem quebrá-la. O que não os impedia de manter seus olhos arregalados, presos a ela como um bando de cachorros famintos diante de uma máquina de frango assado.

Ela, por seu turno, recolhia seus braços, receando, talvez, apanhar alguma doença altamente contagiosa, não obstante as luvas que usava.

Não seria eu a culpá-la. Como descrevê-la?

Poderia iniciar falando de sua beleza, da pele tão branca como se nunca tivesse tomado sol, dos lábios de um vermelho vivo e convidativos, dos cabelos negros longos e corridos sobre os ombros e as costas que, eu sabia, estavam à mostra, embora sua estola de pelo negro não me permitisse observá-los naquele instante. Seu vestido, também negro, descia até cobrir-lhe os pés. O par de luvas pretas subia pelos seus braços acima dos cotovelos. Lembrei-me imediatamente de um filme cujo título fugiu naquela hora, mas

o qual posso dizer agora tratar-se de *Gilda*. Sim, Rita Hayworth naquele célebre figurino que a imortalizara.

Seu rosto descreveu um arco, fitando a todos um por um. Não havia o menor sinal de medo ou desconforto, exceto pelas mãos que relutavam em encostar em qualquer coisa dali. Quando nossos olhos se encontraram, senti meu corpo ser percorrido por uma descarga elétrica. Fui tragado, consumido. O volume entre minhas pernas cresceu imediatamente. Embora o silêncio persistisse, eu mal ouvi quando Stephanie protestou:

— Agora eu fiquei ofendida!

Sua mão continuava sobre meu pênis.

Havia várias mulheres no Bagulho, nem todas bonitas, mas algumas eram lindas, cada qual vestida de forma mais provocante que a outra, expondo indecentemente as suas curvas. Se espirrassem, seus *shorts* ou microssaias transformar-se-iam em toucas. Os seios se desnudariam por completo de seus “tomara-que-já-caiu” em palpitantes montes de gelatina. As nádegas, por si bastante realçadas, tirariam o ar do sujeito mais recatado, caso lá estivesse.

Todavia, em termos de sedução, nenhuma delas se equiparava à forasteira ali, parada, idolatrada pelos homens, olhada com inveja e desdém pelas mulheres. Sua palidez marmórea contrastava com o negro de seus cabelos e vestes, sua postura aristocrática, sua elegância e a fisionomia vagamente distante. O que a visão de seu pescoço — ornamentado por uma gargantilha de brilhantes — e a maciez de seu colo sugeriam excitava muito mais do que toda a exibição de carne das outras mulheres.

A estranha visitante destoava do ambiente. Era uma tulipa negra em meio a urtigas. Por um momento, deu a impressão de que iria pedir algo ao Zé, mas mudou de ideia e, tão fantasmagoricamente como entrara, ela saiu, deixando a todos embasbacados e com *aquilo* em riste.

— Vai babar sobre a mesa — comentou Stephanie.

Senti uma dor aguda na parte debaixo. Gemi.

— Acorda! — prosseguiu ela. — Ou termino de esmagar seus ovos.

Um cara na mesa vizinha deu uma gargalhada e isso quebrou a magia. Outros riram também.

O murmúrio voltou, garrafas tilintaram, bolas de bilhar se chocaram, e, desgraçadamente, alguém lembrou-se de fazer tocar a bendita *jukebox*. Todo mundo começou a tagarelar sobre aquela aparição. Um dos caras, porém, não se limitou a falar.

Largou ruidosamente sua garrafa de cachaça no balcão, enxugou a boca na manga e saiu no encalço da mulher.

— Esse vai dar uns malhos na madame — comentou alguém.

— Malho que nada, o Fuinha foi é assaltar a bacana.

Todos riram ou deram de ombros e voltaram ao que vinham fazendo. Eu sabia que, apesar de fazerem de conta que nada demais tinha acontecido, todos pensavam nela, viam-na diante de seus olhos e fantasiavam despi-la daquela armadura de trevas. O que atraía numa fechadura e ignorávamos numa vidraça? Era o insinuante sobrepondo-se ao óbvio, o segredo da noite sobre a alvorada.

Stephanie deu-me um cutucão.

— Ei! Está me magoando de verdade.

— Oh, Steph, desculpe-me... Foi sem querer.

— Estou vendo. Pode enfiar suas desculpas e suas batatas naquele lugar. Esta noite você ficará comigo. Não aceitarei um “não” depois dessa desfeita.

— Mas, Steph...

— Nem “mas”, nem meio “mas”! Eu...

Foi quando ouvimos um grito pavoroso vindo de fora. Parecia o grito de um homem, contudo, bem poderia ser o estertor de uma fera. Havia um terror tão profundo naquele som que gelou o sangue de todos nós.

Alguns homens mais corajosos — ou idiotas — saíram do bar. Eu, entre eles. Espalhamo-nos. Fui eu quem localizou o corpo do outro lado da rodovia, meio coberto pelo matagal. Corri para lá.

Era o tal de Fuinha. A luz de uma lâmpada próxima iluminava o seu rosto. Recuei diante daquela expressão. Era uma máscara de pavor. O que mais me assustou foi a sua lividez. Mais abaixo, no pescoço, descobri duas perfurações de onde filetes de sangue escorriam. Meu raciocínio fugiu. Gritei. Os outros caras correram na minha direção. Antes que me alcançassem, reparei em algo na mão do larápio. Peguei: era a gargantilha da desconhecida. Num impulso, tirei-a dele e guardei em meu bolso.

Retornei para o meu canto no bar, onde Stephanie, de braços cruzados e ar sonolento, aguardava-me.

Ela se levantou, segurou o meu braço e puxou-me em direção à escada do prédio.

— Vamos pro meu quarto!

Deixei-me levar.

Ao passar por suas amigas, meio embriagada, arrematou:

— Ganhei a aposta, princesas!

O pavimento superior destinava-se à acomodação das garotas de programa. Era onde elas habitavam e levavam seus clientes. O aluguel era pago por um percentual daquilo que conseguiam tanto das gorjetas no bar quanto do sexo nas camas. O Zé anotava tudo direitinho, numa pequena lousa atrás do balcão.

Podia-se dizer que o quarto de Stephanie era surpreendentemente aconchegante, entrementes, o susto recente somado ao pensamento do que aquelas paredes teriam presenciado afugentaram qualquer pensamento lascivo que eu pudesse ter. Nem se eu pensasse na estranha visitante, conseguiria fazer amor com Stephanie. Tinha em mim, além disso, que, caso tal relação se consumasse, aquilo que tornava especial a nossa estranha amizade terminaria.

Vi no banheiro contíguo o seu maior luxo: uma banheira. Eu sabia que ela não permitia que cliente algum colocasse os pés nela. Era onde, por assim dizer, purificava-se.

Não foi, então, sem alívio que a observei desabar sobre a cama, exausta. Em meio àquele mundo de degradação e mentiras, antes de ela cruzar a fronteira da inconsciência, balbuciou:

— Rita... meu nome é Rita.

Pouco depois, adormeceu.

Descobri, assim, que, no fundo, eu me importava em saber o seu verdadeiro nome.

— Obrigado — sussurrei em seu ouvido.

Ela murmurou incoerências.

Tirei seus sapatos, afrouxei suas vestes, aconcheguei-a sob o cobertor e, após fazer um pouco de hora para tornar o teatro convincente às suas amigas, desci. Não sem antes tirar a gargantilha de brilhantes do bolso e deixar sobre o criado-mudo de Rita. Eu tive a esperança de que aquelas pedras fossem verdadeiras e que a joia, após ser vendida, pudesse dar a ela um pouco de conforto e, quem sabe, paz, na esperança de uma nova vida, um recomeço longe dali.

Quanto a mim, saí do Bagulho's Bar para nunca mais retornar. Cruzei a fronteira do Paraguai e iniciei a busca por aquela mulher misteriosa cuja natureza sobrenatural eu suspeitava, mas que era sobrepujada pelo desejo que me consumia e a lembrança daquele olhar.

APRESENTAMOS

OS MORADORES DO CORREDOR

POR S.L. SALES

Solange tem 67 anos e, desde a adolescência, encontra na leitura e na escrita seus caminhos de expressão. Formada em Pedagogia, é licenciada em Português e pós-graduada em Gestão Escolar e Neuropsicopedagogia. Há mais de 25 anos dedica-se à educação, atuando em sala de aula, na coordenação e também na sala de AEE. Seu olhar é voltado ao desenvolvimento e às potencialidades de cada criança. Trabalha para que a aprendizagem seja acolhedora e respeite o ritmo de cada um. Nas horas livres, pinta e vê na arte uma extensão da sensibilidade que leva para a sala de aula. Acredita que educar é, antes de tudo, um ato de escuta e afeto.



Morávamos em uma casa antiga no centro da cidade de Fortaleza, numa dessas que já nasceram com memória própria. Não tinha quintal, só um pequeno terraço com uma lavanderia e um banheiro que servia para todos da casa. Tinha um corredor bem comprido, que atravessava tudo de ponta a ponta e desaguava direto na porta da rua, como se a casa inteira fosse feita para alguém entrar e sair sem parar em lugar nenhum.

Os quartos tinham chão de tijolos. Frio de manhã, gostoso à tarde, mesmo ela estando virada para o sol. Passávamos a tarde de portas e janelas fechadas, não só por causa do sol escaldante da nossa cidade, mas também porque, naquele tempo, meus pais trabalhavam fora, e só podíamos abrir tudo quando eles chegassem. Lembro de dona Abigail, a vizinha da esquina, aparecendo na janela sempre que ouvia a fechadura mexer antes da hora, o dedo em riste, sem nem precisar dizer nada — o olhar já bastava para eu soltar a porta e voltar para dentro. O piso da sala era de mosaico em preto e branco, e havia um ponto exato de onde, se você olhasse com atenção, aparecia nitidamente uma cruz de Cristo desenhada ali no meio daqueles ladrilhos. A casa era alugada, ficava no centro da cidade, então aquele piso estava lá havia muitos anos. Ninguém tinha pedido aquilo: era como se a casa tivesse decidido sozinha o que queria mostrar.

Eu sentava na cozinha e olhava o corredor. Era meu lugar de observação sem querer, pois era ali que eu me sentava para brincar com minhas bonecas e brinquedos. E dali dava para ver todo o corredor da casa, e eu sempre via vultos, as visagens, um termo que usávamos em casa para os fantasmas.

Eles não tinham pressa. Andavam de um lado para o outro, indo e vindo, como quem cumpre um trajeto de anos, talvez décadas. Eu seguia lá, sentada no chão, boneca no colo, sem largar a brincadeira nem uma vez, o corpo quieto, sem susto nenhum, como quem olha um vizinho de longa data passar pela rua. Eles não olhavam para mim.

Sempre paravam no mesmo trecho do corredor, os dois lado a lado, bem na altura da parede que dividia nossa casa da vizinha, como se ali houvesse uma porta que só eles enxergavam. Ficavam parados ali, sempre no mesmo ponto, sempre por um tempo parecido, como quem espera alguém que está para chegar. Eu não sabia explicar por que — só sabia, com a certeza tranquila que só as crianças têm, que aquilo se repetia havia muito, muito antes de mim, e que continuaria se repetindo depois. Eram, imagino, um casal e uma criança, uma menina — embora ninguém tivesse me dito isso; era só uma intuição de infância, dessas que não precisam de prova.

Uma noite eu dormia na sala, na rede, quando acordei com um som que pairava no ar antes de eu entender o que era: uma música suave, talvez uma valsa, tocada devagar, como se viesse de longe e ao mesmo tempo estivesse dentro da sala. Sentei na rede e olhei.

A sala estava iluminada por castiçais, luz de vela tremendo nas paredes, e havia gente — muita gente que eu não conhecia — rindo, brindando com taças que pareciam de champanhe. No meio de tudo, o casal, e a menina ao lado deles, como se fosse a homenageada, ou como se apenas estivesse ali, fazendo parte, naturalmente. Alguém tinha sentado ao piano, o piano de verdade que a gente tinha na sala, e tocava aquela valsa que não parava. Todos felizes, contentes.

Eles não me viam. Eu via tudo. Fiquei ali sentada, olhando aquela festa que não era minha, sem medo, só maravilhada, sem saber quanto tempo durou. Às vezes tinha a sensação de que a rede subia devagar, e que eu via a cena de cima, como se estivesse flutuando por cima da sala, por cima das taças, por cima da música.

Foi então, quando a festa começou a esvair-se aos poucos, que um frio me percorreu a espinha. Enrolei-me todinha no lençol e olhei de novo para a sala: nada. Tudo calmo, as velas apagadas, o piano em silêncio, nenhum vestígio da música, das taças, das pessoas. Voltei a dormir com o coração acelerado.

Nunca soube o que estava sendo comemorado. Nunca vi aquela festa se repetir. Talvez tenha sido a única vez que me deixaram ficar — eu, moradora intrusa, ali por acidente de nascimento, numa casa que já era deles muito antes de mim. Talvez tenham me deixado assistir só para que eu entendesse uma coisa: a vida continua. Que aquela festa, naquela noite, era a prova de que a vida deles seguia, indiferente à minha, no mesmo corredor, na mesma sala, na mesma casa, como sempre fora.

Lembro da cruz no mosaico e do corredor que ligava tudo à rua, e me pergunto se não era isso: uma casa construída como passagem. Um lugar de entrada e saída para os vivos, que ficam um tempo e vão embora, e para os outros, que ficam para sempre, andando de um lado para outro, vivendo como as “visagens” sabem viver.

Hoje, quando passo por aquela rua, a casa não existe mais. No lugar, uma loja, um dia de utensílios domésticos, depois de ração para animais, gente entrando e saindo sem saber de nada. Mas as paredes, algumas ainda são as mesmas; reconheço o tijolo por baixo da pintura nova, como quem reconhece um rosto por trás de uma máscara. Olho para o chão procurando o piso, mas agora são cerâmicas; o original já não existe.

Então penso: será que a passagem foi fechada para sempre, ou as visagens ainda moram ali, presas entre prateleiras e caixa registradora, indiferentes ao comércio como um dia foram indiferentes a mim? Ou terão ido embora também, como todo mundo vai — porque não existem mais crianças sentadas em rede, olhando o corredor, para admirar suas festas, e sem plateia talvez nem os mortos queiram continuar comemorando.

Não sei se ainda moram lá. Mas vivem muito bem na minha memória.

APRESENTAMOS

PESADELO BANAL OU SIMBÓLICO?

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



De repente, vi-me a participar de um tipo "baile de máscaras". "Vi-me" porque uma das coisas possíveis num sonho ou pesadelo e literalmente impossível, fora deles, é que a gente se vê, sem a ajuda de qualquer espelho.

Estamos muitas vezes, "de fora", como uma terceira pessoa ou observador.

É como uma duplicação ou até multiplicação dos acontecimentos, imagens, indivíduos, etc...

Vocês sabem disso, afinal nos seus sonhos e pesadelos, com toda certeza, já vivenciaram situações parecidas.

Mas, este meu pesadelo, tinha algo pior e mais assustador. Acho que vão concordar comigo.

Para começar, tinha uma música de fundo: com volume alto, agitada e assustadora.

O local até que não era muito diferente do que vemos dos amplos salões de dança nos filmes medievais. Mas, com pouca luz, quase penumbra, ou melhor, como se fosse numa tarde nublada - só que no interior do recinto.

As roupas, do que me lembro, não tinham muitos detalhes, mas eram de uma monocromia acinzentada.

Talvez, pela particularidade mais assustadora - que relato a seguir - os outros pareciam meio insípidos.

O realmente aterrorizante, é que todas as pessoas dançavam e tinham máscaras. E as máscaras pareciam estar fixas. E quando as pessoas rodopiavam naquela agitação, a parte de trás da cabeça também estava representada por outra aparente máscara.

Na verdade, "máscara" foi o nome que achei para descrever aquilo, que parecia mais, uma cabeça com duas faces - ou todos os lados eram faces? Ou a face instantaneamente, se reproduzia no lado visível? Ou ela se movimentava independentemente da cabeça?

Só sei que todas viravam-se para mim ("eu" observadora, porque um outro "eu" fazia parte dos dançarinos). Umas pareciam rir, outras eram como caretas, outras imóveis como se de porcelana.

A única coisa boa e comum a muitos pesadelos, é que no auge do terror, costumamos acordar. E foi o que aconteceu comigo.

Agora, acho que me resta, procurar em Freud e/ou Jung, algum significado para tanta bizarrice.

A máscara é minha? A máscara caiu, saiu, perdeu-se? A máscara é a minha realidade? Ou a realidade é minha fantasia mascarada?

APRESENTAMOS

SEMANAS DE DESCASO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Incompreensível!...
Talvez... talvez não.
Instalado pesadelo
para a origem que
se conhece... aponta.

O ar... da sua limpidez
usurpado... ultrajado.
Tomado por um
opaco e denso
espaço.

As causas sabidas.
Protegida... uma minoria.
Mas a maioria...
num pesadelo
sem fim... de descaso.

APRESENTAMOS

CONVOCADA AO OLHO DA VINGANÇA

POR THIAGO GADELHA

Thiago Gadelha é um professor de inglês do interior do Amazonas, no município de Manacapuru. Escreve contos e tem uma fixação por livros latino-americanos desde que conheceu García Márquez. Procura a paz nas palavras, e as encontra todos os dias.



Tudo começou a ficar estranho quando ela chegou em frente à minha casa, apertou o botão do controle do portão de garagem da sua própria casa, e abriu o meu, que sequer tinha motor e estava trancado na chave. Eu não teria acreditado se não tivesse visto. O portão correndo e abrindo a imagem para que eu pudesse vê-la, vestida apenas com roupas brancas, simples em um short e uma camisa. O olhar vidrado em mim, enquanto dava passos lentos em minha direção, abrindo os braços devagar até me abraçar. O seu toque me deu um choque na espinha. Desmaiei.

No momento da escuridão do desmaio, um sonho, ou visão, me mostrou aquela mulher deitada em um lamaçal que havia próximo de minha casa, na curva da rua que dava para o rio. Eu a observava imóvel, enquanto era engolida devagar. De repente, duas mãos a agarravam de dentro da lama e a puxavam com força. Fiquei imóvel, sem conseguir fazer nada para ajudar, vendo-a distorcer o rosto em agonia.

Enfim acordei, sendo balançada por uma vizinha que me viu estirada no chão. A mulher do sonho havia sumido. Perguntei à minha vizinha se a havia visto, e ela apenas balançou a cabeça de forma negativa. Então saí correndo em direção ao lamaçal, e vi um formato de corpo. Comecei a correr pela rua, falando com todo e qualquer vizinho que pudesse: “Viu uma mulher vestida toda de branco?”, e sempre recebia uma resposta negativa até que cheguei a um bar de esquina, com uma quantidade razoável de clientes. Na primeira mesa, um grupo de idosos jogava dominó. Fiz a mesma pergunta a um deles, e recebi a resposta do que acabava de jogar a sena: “O homem do prédio deve ter pego ela. Não tem muito tempo que soube que ele abusou de mais uma.”

Vários homens das outras mesas começaram a chegar perto de onde estávamos. O velho continuou a falar que, nesse momento, o homem do prédio estava dando uma festa no último andar, repleto de mulheres: “Já que ele é dono de tudo, não duvida ele querer mandar até na vida dos outros. Você sabe, mulher, que aquele homem é aprendiz do diabo.”

Um dos homens levantou a voz, disse que já estava cansado de ser controlado pelo homem do prédio, de ter que engolir todas as injustiças que ele fazia. Esse discurso teve uma resposta positiva de todos que estavam ali, e em um estupor de cólera todos foram para suas casas e se armaram. Reunimo-nos, em seguida, na frente do prédio; enxergamos o dono lá em cima, olhando para nós com um sorriso de escárnio no rosto. Gritamos: “Viemos matar você!”, e ele respondeu: “Podem subir!”, no que a porta do prédio gigante se abriu, nos convidando.

Todos corremos para dentro, como se o início de um confronto de guerra estivesse começando. Subimos as escadas o mais rápido que pudemos, até que eu comecei a não ouvir mais os gritos de justiça. Não percebi a tempo que estava agora sozinha, me perguntando: “Onde estão todos?” Decidi continuar, abandonada, a subir as escadas, tomando coragem e indo mais rápido, à luz das lâmpadas fluorescentes que piscavam erraticamente.

O problema é que eu não chegava a lugar nenhum. As escadas começaram a ficar cada vez menos iluminadas pelas lâmpadas e, por fim, entendi que não havia sido abandonada. Na verdade, o prédio havia nos separado, porque bem à minha frente a escada levava a uma parede lisa, sem destino. Olhei para trás mais uma vez, e a escada que antes descia, agora subia. Então eu subi, perdida, sem saber para onde estava indo. Vaguei, vaguei, vaguei. Cada vez mais escuro, cada vez menos lâmpadas, escutando barulhos vindo de onde não havia nada. Escutava um gargalhar dentro da minha mente. E as escadas subiam, e depois desciam, eu olhava para trás e elas mudavam de direção. “Estou ficando louca, isso não é possível!” Cada vez mais perdida, tentando não ceder ao desespero, lembrando da mulher de branco. Minha querida amiga. Sendo engolida pelo lamaçal, as mãos do homem do prédio puxando-a para mais fundo. Sufocando. Em agonia.

Finalmente, uma porta apareceu. Saí correndo e gritando, com o alívio que só o fim de um pesadelo consegue proporcionar. Abri a porta com força, e dei de cara com a rua. Estava de novo na frente do prédio, no começo de tudo. Dei alguns passos para a rua, incrédula com o que havia acontecido. Olhei para cima, e lá estava ele, olhando para baixo, ainda com o mesmo sorriso de escárnio. Alguém bateu no meu ombro; era uma garota muito jovem que me disse: “Vamos para a sede, estão todos lá.”

No galpão da sede da comunidade todos estavam conversando. Cada rosto trazia uma dor diferente, e cada cidadão tinha uma reclamação relacionada ao homem do prédio. Os que haviam se aventurado, junto comigo, tinham um ar de desilusão, mas ainda repletos de ódio, assim como eu. Cada um de nós tinha chegado ao limite, ele não podia mais nos tratar assim.

Ao lado do galpão havia um matagal, que as crianças gostavam de observar porque sempre aparecia algum macaco brincalhão. Eu me dirigi para a parte que dava vista para um caminho de terra que havia nesse matagal. Queria fumar um cigarro. Apalpei os bolsos, achei o maço e tirei um. Acendi depois da terceira tentativa, dei uma tragada profunda, escutando as vozes cada vez mais misturadas, e, ao olhar para o caminho, vi-a,

em meio à fumaça que saía da minha boca. Vi-a andando, completamente imunda de lama, com os passos pesados, vestindo apenas uma calcinha que se sustentava por pouco. O olhar sem vida, sem cor, cinza. Como um zumbi, cada passo lento e pesado. A boca aberta, em dificuldade de respirar.

Cada passo parecia fazer a terra do chão tremer. Saí correndo em sua direção, peguei em seus ombros, desesperada, querendo ajudar. Mas ela não notava minha existência, continuava dando passos mortos. Todos no galpão começaram a nos observar, paralisados pelo choque da imagem que viam. Ela estava destruída.

Agora, a cada novo passo, quase fora do caminho de terra, chegando ao asfalto da rua, o que aconteceu ficaria em nossas mentes para sempre. A lama do seu corpo começou a endurecer, e aparecer mais e mais quanto mais ela andava. Um passo, dois passos, três passos, mais lama, mais lama, mais lama. Estava ficando coberta, como uma armadura. Como se a lama quisesse guardá-la dos olhares. Ela ia andando. Eu, agora, chocada, paralisada como todos, sem saber o que fazer. Ouvi um grito. Grito de homem em dor.

Lá estava ele, virando a esquina. Para cada passo que ela dava, ele também dava um. O homem do prédio. Ela: um, dois, três passos. E ele fazia o mesmo. No entanto, enquanto ela ficava cada vez mais protegida, o que acontecia com ele era de enlouquecer. Cada passo estourava vários poros dele em esguichos de sangue gigantescos. Um passo: estourava no braço. Dois passos: nas pernas. Três passos: nos olhos. E ela continuava. Andando, com calma, com cada vez mais lama a cobrindo. E ele, cada vez mais sangue explodindo.

Ela, por fim, chegou próxima de outra esquina. E ele, próximo de onde estávamos, na sede. Ela deu ainda mais alguns passos. Parou. Olhou para trás com os olhos sem vida. E, nesse momento, vimo-lo explodir por todos os poros do corpo em nossa frente. Choveu sangue de seu corpo por alguns segundos. Por fim ele caiu no chão, morto, com o rosto transfigurado em uma agonia que de vez em quando ainda apareceria nos pesadelos de quem estava presente.

Então ela se foi. Alguma força nos manteve paralisados. Não pudemos segui-la.

A única coisa que espero é que, não importa para onde tenha ido, seja feliz. Pois ninguém duvidou em nenhum momento que quem nos fez justiça foi ela.

APRESENTAMOS

NA COMPANHIA DE MARGOT

POR VAGNER TADEU FIRMINO

Vagner Tadeu Firmino (A Triste Figura) é autor e narrador de sombras: tributarista por formação, com pós-graduação em Direito Tributário, MBA em Gestão Tributária e Contábil e formação em Análise de Sistemas. Desde os anos 1990, mantém um percurso contínuo na escrita: idealizou e editou fanzines como Zenda Avesta e Manus Nocturna – Pequenas Realidades de Horror, e publicou contos, poemas e artigos no blog Moderno Bestiário. Publicou os livros Algumas Coisas Nunca Morrem e Outras Histórias, Oculto e Sobrenatural – Quatro Histórias Inexplicáveis e COD Mobile – O Guia Não Oficial. Interessa-se por horror cósmico, folclore urbano e tecnologia, temas que atravessam sua prosa e sua pesquisa criativa.



Histórias sobre fantasmas, aparições e coisas do tipo me assustam muito, mas não me considerem uma medrosa impressionável; o que aconteceu anos atrás é o que deixou em mim esse sentimento apavorante... Hoje eu tenho certeza de que fantasmas existem e de que nós, que ainda estamos vivos, nunca estamos sozinhos.

Quando eu tinha sete anos, minha família se mudou para um casarão antigo e portentoso, com uma arquitetura impecável e rebuscada; meu pai vive lá até os dias de hoje, enquanto eu moro com minha mãe em outra cidade e, mesmo sentindo muita saudade de meu pai, eu dificilmente vou visitá-lo naquele lugar. Não existem boas lembranças que me façam pensar em voltar lá, nenhum bom sentimento me faz pensar com saudade ou carinho por aquela casa...

Naquele lugar havia sempre uma presença, algo que parecia se esconder pelos cantos, uma sensação estranha de que sempre havia algo prestes a acontecer. Até hoje eu não sei explicar essa sensação, mas foi algo que me incomodou desde o primeiro dia em que estive naquela casa; também não sei dizer se meus pais sentiam o mesmo que eu. Acredito que não: nunca admitiram nada, mesmo nas fases de medo mais desesperado que vivi ali.

Durante todo aquele tempo, a hora de dormir era a que mais me apavorava; logo que me deitava, sentia uma espécie de pressão sobre a cama, bem ao meu lado, como se algo pesado fosse colocado no colchão junto comigo, e o ar do quarto mudava: parecia ficar pegajoso e úmido. Para mim era muito claro que havia mais alguém comigo e, apesar desse sentimento estranho, eu raramente falava com meus pais sobre aquilo, e hoje posso perceber que eu queria acreditar que aquilo não passava de uma coisa da minha imaginação.

Depois de algum tempo sentindo noite após noite aquilo que eu somente conseguia definir como uma presença e observando minha gata fugir do quarto toda madrugada, eu passei a me referir à presença como Margot; não sei como esse nome foi arranjado, apenas sei que ele apareceu em minha cabeça. Tempos depois eu descobri que o nome não poderia ser outro, não foi inventado, foi inconscientemente informado, e “Margot” passou a ser o nome que classificava toda aquela presença obscura pelos cantos, toda sensação de estar sendo observada, era o nome que eu dava à pressão exercida ao meu lado quando estava deitada quase adormecida... “Margot” era o nome de um fantasma e de toda aquela atmosfera que se formava em suas manifestações.

Tão logo eu nomeei aquela presença, passei a sentir uma alteração na situação; comecei a perceber que a intensidade da manifestação passou a ser mais marcante; eu passei a poder sentir um leve deslocamento de ar passando por mim diversas vezes, e sempre que estava prestes a adormecer sentia que algo realmente ocupava um espaço ao meu lado na cama. Eu não tinha coragem de me virar para olhar, e Jeanne, minha gata que ficava cada dia mais arisca, nunca mais dormiu no quarto comigo, ou melhor, ela nunca mais entrou no quarto, e, se eu tentasse levá-la, ela fugia aos saltos e com os pelos todos hirtos.

A coisa seguiu assim: eu cada vez com mais medo, mas sem falar nada para ninguém e dormindo cada vez menos; muitas vezes eu adormecia no sofá, e logo meu pai me mandava para o quarto; eu subia as escadas com muito medo e, antes de entrar no quarto já podia sentir a presença estranha de Margot. Foi nessa fase medonha, em que eu evitava o quarto e tinha pavor em ficar sozinha em qualquer cômodo da casa, que meus pais resolveram conversar comigo. Não chegamos muito longe; não os culpo: os adultos são de forte tendência a concluir que tudo o que uma criança conta é fruto de uma imaginação facilmente impressionável.

Outra coisa que não colaborou para que a conversa pudesse fluir melhor foi que era o início da separação de meus pais; era visível que as coisas não iam bem já havia algum tempo, e pouco faltava para se separarem. No fim, minha mãe limitou-se a restringir meu acesso à TV em certos horários acreditando que eu estava assistindo filmes de terror... Meu pai deu de ombros. Eu não podia mais dormir na sala, então passei a ir para meu quarto cada vez mais tarde e quase sempre eu desviava o caminho aproveitando a escuridão do corredor para ficar no quarto de hóspedes; meu pai nunca percebeu, já minha mãe estava observando meu comportamento. Certa vez eu ouvi uma amiga dela dizendo que provavelmente aquilo era apenas um reflexo da situação pela qual nossa família estava passando...

Não demorou, e eu encontrei a porta do quarto de hóspedes trancada; foi a maneira que eles encontraram de me fazer encarar meus medos e aprender a reagir melhor diante de “certas situações”, ao menos foi o que me disseram.

As férias chegaram quando eu começava a ficar doente: eu vivia nervosa, passava noites seguidas sem conseguir dormir e não me alimentava, enquanto a cada noite a presença se tornava mais forte, e quanto mais forte aquilo ficava, mais doente e oprimida eu me sentia; era como se tudo ao meu redor estivesse impregnado de tristeza e melancolia e tudo parecia vir daquilo que eu havia me acostumado a chamar de Margot.

Quase ao final das férias, recebemos a visita inesperada de um senhor e uma moça, pai e filha; eles contaram ter vivido naquela casa alguns anos antes e que estavam visitando alguns amigos na vizinhança; ao passarem por ali, tiveram a ideia de pedir para fazer uma rápida visita e poder rever a casa onde a família deles começou. Minha mãe permitiu na hora, achando linda a imagem do pai e da filha juntos, procurando reconstruir memórias do passado e essas coisas. Meu pai deu pouca importância. Os dois visitantes caminharam timidamente sozinhos pela casa, enquanto minha mãe se ocupou de preparar alguma coisa para eles comerem.

Eu fiquei entre a sala e a cozinha; estava de certa forma aflita, e minha mãe percebeu minha inquietação e me chamou para junto dela. Pela primeira vez eu podia sentir a movimentação de Margot dentro do meu quarto mesmo eu estando longe dele.

As visitas terminaram o tour e, de volta à sala, minha mãe serviu refresco e canapés. Logo estavam todos conversando e eu começava a me sentir menos tensa, estava quase esquecendo a presença marcada de Margot pelos cantos até que, sem cerimônia alguma, minha mãe fez uma pergunta ao senhor que nos visitava: “O senhor tem conhecimento sobre alguma coisa, como posso dizer... Estranha, talvez, com esta casa?”

Eu não acreditava que ela estava fazendo aquilo; fiz um movimento para me levantar, e imediatamente a mão dela pousou sobre mim, fazendo com que eu me sentasse de novo. O homem deu uma gargalhada espalhafatosa e, com um deboche pouco disfarçado, fez outra pergunta, mas olhando para a filha constrangida: “Alguma coisa estranha como um fantasma?”

Meu pai mexeu-se na poltrona, e a moça baixou os olhos e murmurou que aquilo não tinha graça, fazendo seu pai encerrar o sorriso no mesmo instante. Sem graça e desanimada ela contou que durante os anos em que morava naquele lugar tinha aversão por um dos quartos, disse sentir uma presença a observá-la, mas o mais estranho, disse ela, era que sempre que tentava dormir naquele quarto — o meu quarto agora — era nítido para ela que alguém ocupava a beirada da cama para ficar observando seu sono, sem entender por que ela havia apelidado aquela presença invisível de Margot.

Ouvindo aquilo, eu estremeci; a moça pareceu muito abalada quando terminou de falar, e todos na sala pareciam constrangidos. O homem então pigarreou e levantou-se agradecendo exageradamente a hospitalidade e desculpando-se repetidas vezes por qualquer incômodo que a visita deles poderia ter causado. Minha mãe segurava forte minha mão enquanto acompanhávamos nossos visitantes até a porta; meu pai despediu-

se e voltou ao sofá folheando o jornal; fiquei na cozinha com minha mãe o resto da tarde, apenas pensando em tudo aquilo.

Depois da visita daquelas pessoas, meus pais nunca mais me obrigaram a subir para o quarto à noite; eu sempre era autorizada a dormir na sala. Nessa época, meu pai raramente ficava em casa, mas, quando estava, as discussões eram longas, e eu confesso que quase chegava a sentir falta do meu quarto; foi em meio a uma dessas discussões que eu busquei refúgio lá, sem pensar em Margot ou em qualquer outra coisa. Naquele momento, eu apenas queria estar longe de tudo aquilo.

Não pensei em fantasmas ou em qualquer outra coisa, apenas me joguei na cama sem dar importância à atmosfera pesada que lentamente se esparramava à minha volta. Não demorou para que eu sentisse o movimento invisível de Margot pressionando o colchão; fiquei imóvel, e as lágrimas foram secando. Uma sensação fria e pegajosa percorreu meu corpo quando senti algo tocar minha cabeça desajeitadamente alisando meus cabelos.

Saí da cama com um salto atrapalhado, enquanto um vulto enegrecido se esgueirava para as sombras projetadas pelos móveis do quarto. Eu estava farta de tudo aquilo, estava farta daquela casa, farta das brigas e farta de Margot.

— Não me importo com você! Não me importa se pensa que essa casa é sua! Fique aqui, eu vou sair e não quero ver você nunca mais! — gritei contra a figura invisível.

Corri para a porta e desci as escadas ainda gritando; meus pais, que permaneciam discutindo, se assustaram e tentaram me segurar, mas somente me pegaram quando eu já havia alcançado a rua. No outro dia, minha mãe e eu fomos para a casa do vovô.

Muito tempo se passou até que tivesse coragem de visitar meu pai naquela casa: na verdade, mais de doze anos. Meu pai já havia se casado novamente e tinha um filho de quatro anos. A esposa dele me contou em tom divertido que o garotinho deles gostava muito de ficar no quarto que um dia foi meu. Segundo ela, o menino dizia que Margot gostava de ficar com ele. “Provavelmente um amigo imaginário”, ela disse sem preocupação alguma.

CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE CONECTA, ***EMOCIONA*** E ***TRANSFORMA!***

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE INSPIRAM | EMOÇÕES QUE CONECTAM | PALAVRAS QUE TRANSFORMAM | AUTORES QUE ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO *MUNDO DOS LIVROS!*

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.

CLIQUE AQUI!